

**Neiva de
Aquino
Albres
(Org.)**

Andreia G. P. Santos

Celina G. Estruc

Francine A. Rocha

Marliza M. Bruch

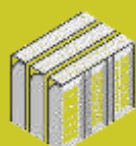
Patrícia R. Nachtigall

Silvia G. Miguel

Tailana T. Dariff



**T r a d u ç ã o
p a r a
c r i a n ç a s
s u r d a s
i n v e s t i g a ç ã o**



PUBLICAÇÕES
ESP. E FOTOPRODUÇÃO

**Neiva de Aquino Albres
(Org.)**

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Florianópolis – SC
2020

© 2020 by Biblioteca Universitária UFSC

Organização
Neiva de Aquino Albres

Revisão ortográfica e gramatical
Danielle Vanessa Costa Sousa

Capa e projeto gráfico
Neiva de Aquino Albres

Editoração Eletrônica
Neiva de Aquino Albres
Mairla Pires Pereira Costa

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

Tradução para crianças surdas: rara investigação/ Neiva de Aquino Albres
(organizadora). – Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2020. 147
p.: 21cm

ISBN 978-65-80460-43-4

1. Língua brasileira de sinais. 2. Tradução e interpretação. 3. Libras.
I. Neiva de Aquino Albres

APOIO



Biblioteca Universitária – BU
Campus Universitário, Acesso Trindade,
Setor D - 88040-900 Florianópolis, SC
Fone: (48) 3721-9310 \ 3721-4452 <http://portal.bu.ufsc.br//>



Printed in Brazil
Produzido no Brasil

Licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial



Comissão Editorial

Anderson Almeida da Silva - UFPI

Danielle Vanessa Costa Sousa - IFMA

Fernanda Machado - UFSC

Flavia Medeiros A. Machado - UFES

Gina Viviana Morales Acosta – Antofagasta - Chile

Janaí de Abreu Pereira - IFSC

Jefferson Santana - UFES

Lara Ferreira dos Santos – UFSCar

Natália Schleder Rigo – UDESC

Vanessa Oliveira Martins – UFSCar



Sumário

Apresentação por Neiva de Aquino Albres.....	7
Prefácio por Fernanda Machado.....	10
Tradução português para libras de livro didático bilíngue: adaptações técnicas e culturais Francine Anastácio da Rocha.....	16
Tradução de metáforas da língua portuguesa para a libras: uma análise das formas adotadas em livro didático bilíngue Patrícia Ribeiro Nachtigall.....	38
Tradução em contação de história: cenário, enquadramento e projeto interativo de livro didático para surdos Marliza Maria Bruch.....	74
Processo de pesquisa de um tradutor: diário como ferramenta de trabalho com literatura infantil Tailana Tiepo Dariff	99
A criação e utilização de sinais-nomes de personagens da literatura infantil traduzida para Libras Andreia G. P Santos, Celina G. Estruc, Sílvia G. Miguel.....	123

Apresentação

A literatura sempre foi considerada elemento essencial para o desenvolvimento de linguagem, intelectual e estético das crianças. Materiais em português são pouco acessíveis para as crianças surdas e com o processo de transformação da literatura em geral e, especificamente, a voltada às crianças e jovens, os surdos têm ganhado novas perspectivas de inserção no mundo da literatura. Não se pode perder de vista que muitas das obras são traduzidas e fazem parte de uma revolução tecnológica.

Então, a tradução de obras literárias sejam elas para fins pedagógicos, artístico, literário ou estético têm agenciado profundas transformações nas formas de produção em Libras e nos desafiado com novos problemas de tradução.

A mesclagem de mídias, a hibridização de linguagens, a confluência de suportes tem alterado o conceito de literatura, antes fixada apenas em livro impresso. Por conta das múltiplas semioses que compõem os materiais a serem traduzidos e as próprias traduções (produto) se esperam novos modos de leitura e de tradução que são marcados pela perspectiva interativa do projeto literários tendo como suporte a *web, tablets e smartphones*.

Esses são alguns dos desafios que se impõem aos tradutores e que merecem ser estudados. O título do livro “Tradução para crianças surdas: rara investigação” representa esse novo campo e mais, as muitas semioses pelo jogo com as palavras na capa do livro compondo um emaranhado de letras que combinadas se distinguem

pela cor da sequência de letras e pela direção da leitura. Nada mais que uma leitura multimodal para evidenciar o novo modo de se relacionar com a linguagem a partir do desenvolvimento da tecnologia.

As questões teórico-práticas das pesquisas apresentadas neste livro convidam-nos a debruçar sobre o fazer dos tradutores, sobre as condições da produção de conhecimento. Como orientadora dos trabalhos compilados, vejo o despontar dessa temática como campo dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais – ETILS.

Apresento, então, alguns dos trabalhos que tomam como objeto de estudo a tradução para crianças surdas.

No primeiro capítulo, Francine Anastácio da Rocha apresenta a Tradução de português para Libras de livro didático bilíngue: adaptações técnicas e culturais. A autora analisa materiais didáticos evidenciando os casos que requerem adaptação na tradução por questões específicas da comunidade surda. O que todo tradutor precisa saber para fazer suas escolhas tradutórias.

No segundo capítulo, Patrícia R. Nachtigall apresenta a Tradução de metáforas da língua portuguesa para a Libras: uma análise das formas adotadas em livro didático bilíngue. A autora desmistifica a intraduzibilidade de metáfora e compila estratégias tradutórias essenciais para uma tradução de qualidade preservando o sentido do texto de partida e sensível ao público alvo do texto traduzido.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

O terceiro capítulo é de autoria de Marliza Maria Bruch, intitulado Tradução em contação de história: cenário, enquadramento e projeto interativo de livro didático. Nele são destacados aspectos técnicos de gravação, edição e do projeto como um todo. Conhecimento essencial para equipe de tradução a fim de produzir materiais mais atrativos para as crianças surdas.

Tailana Tiepo Dariff, autora do quarto capítulo problematiza o “Processo de pesquisa de um tradutor: diário como ferramenta de trabalho com literatura infantil”. A partir de um estudo de caso, a autora analisa o processo de tradução de literatura infantojuvenil e os problemas de tradução.

No último capítulo, Andreia G. P. Santos, Celina G. Estruc, e Silvia G. Miguel discutem a Criação dos sinais-nomes dos personagens de livro de literatura infantil. Uma prática comum, mas que deve ser criteriosa para elucidação dos personagens.

Esperamos que o leitor aproveite cada linha e que essas investigações se tornem cada vez menos raras a partir do fomento de novos problemas de pesquisa. Boa leitura!

Dra. Neiva de Aquino Albres - UFSC



Prefácio

Eu atuei na Educação básica com alunos surdos e sempre senti falta de materiais de literatura surda em Libras e de tradução de literatura geral para Libras. Quando se pedia para que os alunos levassem os livros para casa para leitura e depois compartilhassem o que apreciaram do material, a resposta sempre vinha negativa. Pela dificuldade de leitura do português, os alunos surdos não tinham acesso ao conteúdo. Isso porque a língua de sinais ali não estava presente de fato. Por muitas e muitas vezes precisei trabalhar com o improviso de, em sala de aula, fazer traduções dos livros que eu apresentava. Atualmente, com o advento da tecnologia de vídeos mais acessível e com a possibilidade do vídeo como suporte material da Libras em composição com o material do livro, temos os livros traduzidos para a Libras, materiais visuais em língua de sinais. Isso propicia uma independência dos surdos, a possibilidade de apreciar as obras em Libras e participar dos encontros em sala de aula para discutir sobre os temas.

Atualmente, sou professora no ensino superior, pesquisadora no campo de literatura surda e estudos da tradução. Fico feliz com o desenvolvimento dessas duas áreas. Assim, também a organizadora da obra, Neiva de Aquino Albres tem uma trajetória como professora da educação básica para alunos surdos e atualmente como professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira – DLSB

da UFSC e professora do curso Letras Libras. Membro de Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads tem se dedicado ao estudo e formação para a tradução na esfera artístico-cultural, mais especificada de literatura infanto-juvenil. Suas contribuições são sempre valiosas para os estudos em línguas de sinais, em Estudos Surdos e em Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

O livro é composto por cinco capítulos cada qual com um olhar sobre projetos de tradução de literatura para crianças surdas. A obra é delicadamente costurada. Sob a orientação da professora Neiva de Aquino Albres, as alunas costuram textos, alinham os ornamentos, combinam estampas, e compõem uma obra única. Assim, a visualidade é leve, o projeto estético perpassa pelo tipo de escrita, apesar de acadêmica, bem acessível. O material deixa qualquer leitor ávido pelo conhecimento. Como na costura, a literatura é questão de caimento do tecido, do molde flexível, da trama das linhas, e do encantamento.

Esse livro, apesar de seu perfil acadêmico, se configura como uma empreitada caprichosa visualmente. Composto por pesquisas reunidas que usam da linguagem verbal e visual em um só espaço. A expectativa do leitor deve ser de encontrar a diversidade e a unidade simultaneamente, pois a organizadora Neiva é uma pessoa multidisciplinar, ou seja, uma professora que consegue articular linguística, tradução, educação, literatura; o faz conduzindo suas orientandas, perpassando também pelo viés da formação de novos pesquisadores. Os textos abordam as seguintes temáticas:

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

1) “Tradução de português para libras de livro didático bilíngue: adaptações técnicas e culturais”, esse é um tema muito caro, pois os tradutores precisam reconhecer que a comunidade surda tem uma identidade e é preciso traduzir pensando no público a que se destina a obra, é preciso fazer com que o público se identifique com os modos de enunciar na obra que a reconheçam com uma linguagem genuína da comunidade surda.

2) “Tradução de metáforas da língua portuguesa para a Libras: uma análise das formas adotadas em livro didático bilíngue”, a autora problematiza as diferenças linguísticas entre português e Libras e revela o esforço necessário pelos tradutores para encontrar soluções satisfatórias na tradução para que a comunidade surda compreenda o projeto discursivo do autor original.

3) “Tradução em contação de história: cenário, enquadramento e projeto interativo de livro didático”, se faz uma descrição detalhada dos aspectos visuais da obra final que compõe a tradução e de todo o projeto visual, desde enquadramento e cores, e como tudo isso compõem a leitura visual tendo como foco a Libras como produção da literatura em língua de sinais.

4) No “Processo de pesquisa de um tradutor: diário como ferramenta de trabalho com literatura infantil”, a autora apresenta uma experiência de tradução singular e enriquecedora. Esse é um exemplo para que outros tradutores pensem sua responsabilidade.

5) “Criação dos sinais-nomes dos personagens de livro de literatura infantil traduzida para Libras”, esse capítulo nos faz

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

refletir o quão importante são os sinais-nome em literatura e contribui para o trabalho de novos tradutores.

Porém o melhor de tudo, a fonte de prazer do livro, é descobrir, a partir das pesquisas descritas, os modos de traduzir, a resolução dos problemas de tradução e sobre a tarefa dos tradutores. Todos os textos partem da vida real, da tradução como produto analisado ou de processos de tradução vividos pelos autores. A leitura nos leva a refletir pontos antes inimaginados, contribui com tradutores novatos para pensar as possibilidades, as possíveis estratégias de tradução a serem escolhidas. Podemos afirmar ser possível, a partir do trabalho dos tradutores, sentir o prazer e o contato com a literatura.

Gostei do título do livro, “rara pesquisa”, no sentido de que esse é um tema ainda pouco investigado no país, no sentido de abrir caminhos, “rara” no sentido da sua singularidade e “rara” no sentido do quão especial é por também formar pesquisadores iniciantes, sendo fruto de pesquisas de conclusão de curso no curso de graduação em Letras Libras da UFSC.

Para mim foi uma leitura acessível pela simplicidade da escrita, mas nada simplista do complexo processo de tradução literária para crianças surdas.

Prof^a Dr^a Fernanda de Araújo Machado

Outubro de 2019

Tradução do prefácio de Libras (vídeo) para Língua portuguesa escrita por Neiva de Aquino Albres



Tradução para Crianças surdas: rara investigação



CAPÍTULO 1

Tradução de português para libras de livro didático bilíngue: adaptações técnicas e culturais

Francine Anastácio da Rocha
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

**Tradução português para libras de livro didático
bilíngue: adaptações técnicas e culturais**

Francine Anastácio da Rocha

Introdução

Com a popularização dos computadores e celulares, da criação de softwares e aplicativos, as pessoas tiveram mais acesso à tecnologia podendo fazer uso dela em sala de aula com alunos surdos. O registro da Libras por meio de vídeo e a produção materiais instrucionais se tornaram mais comuns na educação de surdos (ALBRES; SARUTA, 2012).

No Brasil são poucos os livros didáticos de Libras, sendo assim o professor ou instrutor de Libras confecciona seus próprios materiais didáticos que são criados por meio da tecnologia, principalmente gravações de vídeos, além de textos, games educativos. E é por meio deste material desta aquisição que o aluno surdo irá se apropriar do conhecimento socialmente construído.

Com a ampliação da tecnologia e tornando possível o uso de diversos recursos por meio dela, somam-se a tal benefício quando se utiliza de textos multimodais para a educação dos surdos. A pedagogia visual encontra-se nas metodologias visuais e na semiótica imagética, e esta considera que as imagens são de suma importância nas escolas, salas de aulas e sala de recursos multifuncionais, pois ajuda na aprendizagem do aluno.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

A surdez implica em uma modalidade comunicativa que ocorre na dimensão espaço visual. A base epistemológica da pedagogia visual encontra-se na semiose imagética e propõe uma alternativa didática para o ensino do português como segunda língua na educação de surdos (KELMAN, 2014, p. 01).

A produção de materiais didáticos específicos para surdos ou a tradução de materiais didáticos têm se tornado mais comum. Contudo, cabe estudarmos os procedimentos para que a tradução seja de fato acessível para a comunidade surda infantil. Traçamos como objetivo, neste trabalho, descrever a tradução intersemiótica de livros didáticos multimodais para Libras quando de utilização de procedimentos técnico de adaptação.

Atualmente, há a compreensão que os livros didáticos são ricos em multielementos co-ocorrendo para a construção de sentidos. Estão presentes nos livros didáticos textos multimodais, que não são compostos somente pela escrita, mas sim por uma série de outros elementos como a formatação, o tipo de fonte, tabelas, gráficos. Já a imagem ou figuras dispõem do papel de chamar a atenção, pois apresentam a posição corporal, gestos, direção do olhar, tamanho, enquadramento, entre outros. É muito importante observar como as pessoas que produzem ou recebem os textos multimodais, compreendem e leem as formas simbólicas que compõem estes textos. O que os tradutores de materiais didáticos fazem com essas múltiplas informações? Que elementos do livro didático multimodal motivam enunciação em Libras (texto traduzido)? Quais informações de livros didáticos são adaptadas para a comunidade surda?

O procedimento de adaptação na tradução

Considera-se que quando o material é traduzido, o corpo do tradutor faz parte do novo material multimodal, pois ele estará coadunando o verbal e o visual. Assim, as novas tecnologias trouxeram a multimodalidade, considerando que desenvolvem recursos semióticos, temos como exemplo web site, charges, infográficos, CD-ROM, desenhos, fotografias, vídeolivro, textos escritos, orais, entonações, entre outros elementos, estes gêneros textuais estão ligados a multimodalidade.

A leitura de textos multimodais não se dá apenas pelo texto verbal, mas também pelo texto não verbal, com as cores, as ilustrações, e outros elementos presentes no material. Os textos multimodais ativam a cognição das pessoas, uma vez que precisasse redescobrir os sentidos que estão em cada texto. O leitor precisa aprender a ler as palavras, imagens e sons presentes no texto, ao mesmo tempo exigindo assim certa aprendizagem multimodal.

O termo “adaptação” de forma geral tem sido compreendido como um verbo, um efeito de adaptar uma coisa à outra. Podendo existir adaptação de um determinado objeto, de um lugar, de uma obra artística, adaptação biológica, adaptações de obras literárias para o cinema, adaptação escolar e a adaptação curricular de alunos com necessidades especiais nas escolas (A CIÊNCIA, 2011). Assim, a palavra “adaptação” pode ser empregada em diversos contextos e com diferentes sentidos. Neste trabalho, estamos tratando de adaptação como um procedimento de tradução.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Nos Estudos da Tradução, os autores foram percebendo a necessidade de levantar alguns procedimentos que são desenvolvidos para a execução de traduções interlinguais. Vinay e Darbelnet foram os pioneiros nesse sentido com a publicação do livro em francês “*Du français et de l’anglais: méthode de traduction* ([1958] 1977).” Este livro tem uma releitura em português que explica as teorias de Vinay e Darbelnet, em que apresentam os sete procedimentos técnicos de tradução: empréstimo (*borrowing*), decalque (*calque*), tradução literal (*literal translation*), transposição (*transposition*), modulação (*modulation*), equivalência (*equivalence*) e adaptação (*adaptation*) (AMORIM, 2013). Por adaptação, entendem que:

A adaptação é [...] utilizada em casos onde a situação extralinguística a que se refere a mensagem da LO¹ não é prevista pela cultura da LR², devendo assim ser expressa através de uma outra situação, que o tradutor considera equivalente e plausível no contexto cultural da LR. Assim, por exemplo, o enunciado em inglês: “*He kissed, his daughter on the mouth*”, seria adaptado em francês para: “*Il serra tendrement as fille dans ses bras*”. O beijo, que o pai da na filha nos lábios, seria substituído, na tradução francesa, por um abraço, pois a cultura dos falantes de francês não prevê um comportamento como este. Não realizar as adaptações quando necessário, leva à produção de um texto correto, porém com um tom indefinido, algo que soa falso e revela, invariavelmente, que se

¹ Língua de origem (doravante representada por LO) (VIEIRA, 1958, p. 17).

² Língua de recepção (doravante representada por LR) (VIEIRA, 1958, p. 18).

trata de uma tradução (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 22 *apud* VIEIRA, 1996, p. 22).

Assim, este procedimento de adaptação ocorre quando uma mensagem é expressa da mesma forma só que com alterações necessárias para que seja considerada natural ou aceitável na cultura de chegada, ou seja, para que o público alvo se identifique com o texto e o leia sem causar estranhamento diante de seus costumes e condições de vida.

Esse conceito foi corroborado por Vásquez-Ayora (1997), havendo uma tentativa de ampliação da proposta de Vinay e Dalbelnet por meio da inserção de procedimentos secundários da tradução (oblíqua³), continua a classificar a adaptação como o ato de transmitir a mesma mensagem em uma situação cultural diferente.

No Brasil, Barbosa (2004) discute sobre os “Procedimentos Técnicos de Tradução” dividindo-os em treze procedimentos. Ela faz uma recategorização de todos os procedimentos. Vinay e Darbelnet (1958) trazem sete procedimentos de tradução e Barbosa (2004) acrescenta alguns procedimentos, pois ela se baseia em outros estudiosos. A aplicação desses procedimentos foi estudada em diferentes línguas, tanto que os exemplos que ela apresenta no livro

³ Segundo a Campos (2013 *apud* BARBOSA, [1990] 2004, p. 24), a tradução oblíqua seria a tradução que não é literal, devendo ser utilizada em todos os casos nos quais a tradução direta produziria na língua de chegada: a) um texto cujo significado é diverso do original; b) um texto sem significado; c) um texto estruturalmente impossível; d) um texto sem correspondência cultural na língua de chegada; ou e) um texto com correspondência, mas em registros diferentes.

são, geralmente, do inglês para português e do francês para o português. Para ela a adaptação:

É o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere o TLO [texto da língua de origem] não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT [língua de tradução]. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da LT (BARBOSA, 2004, p. 76).

A adaptação é considerada como a adequação cultural do texto da língua de partida no texto da língua de chegada. Na atualidade, se amplia esse conceito, pois teóricos como Bastin ([1998] 2011) considera a prática da adaptação como um procedimento global, que envolve diversos outros procedimentos secundários de tradução. Amorim (2013) procurou sistematizar uma categorização dos procedimentos secundários do processo de adaptação. Estudando a tradução para o gênero quadrinho de texto do gênero drama de forma adaptada (inglês para português). Descreve o procedimento de adaptação como um tipo especial de equivalência, desta forma o tradutor utiliza-se da adaptação com o objetivo de deixar o texto natural para o seu leitor.

Baseado em procedimentos secundários da adaptação, apontados por Bastin, Amorim (2013) destacou a utilização da omissão, atualização e criação, principalmente no que se refere à criação visual da obra adaptada. Cita ainda ser possível ocorrer a transcrição do original, expansão, exotismo e adequação situacional ou cultural (AMORIM, 2013).

Desta forma, compilamos duas formas de conceber a adaptação. Primeiro, em uma perspectiva linguístico discursiva, voltada para a adaptação como “procedimento de tradução” e, segundo, em uma perspectiva multimodal⁴ que envolve uma tradução intersemiótica, ou seja, de linguagens materializadas de diferentes formas, como de língua escrita para desenhos, como citado por Amorim (2013).

Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa, pois, se preocupa com a compreensão de um fenômeno, explicando o porquê deste (MOTTA-ROTH, 2003). Quanto à natureza da pesquisa, ela é descritiva, pois objetiva gerar conhecimento sobre o procedimento de tradução (adaptação) e sua relação com a tradução intersemiótica. Esse conhecimento pode ser aplicado em práticas de tradução, contribuindo para solucionar problemas de tradutores de materiais didáticos e de outros gêneros textuais que trabalhem com textos multimodais.

Realizamos um **estudo de caso**, pois observa-se a multimodalidade e a adaptação feita pelos Tradutores e Intérpretes de línguas de Sinais - TILS em coleção de livro didático. Dessa forma, o corpus foi composto por livros da Coleção Porta Aberta com o tema Letramento e Alfabetização Linguística do 1º ao 3º ano, publicado no ano de 2010 e 2013, pela Editora Arara Azul. Os livros digitais foram distribuídos gratuitamente para as escolas públicas por meio da

⁴ Multimodalidade é a representação da escrita juntamente com as imagens, sendo essas duas modalidades denotadas no texto (ALBRES, 2015).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC) Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Levantamos os trechos em que ocorreram a adaptação na tradução e logo transcrevemos esses enunciados em Libras. Para tanto, utilizamos o procedimento de transcrição conforme o sistema de transcrição de Felipe (2005). Para a sistematização da análise das relações do material multimodal com as escolhas tradutória, desenvolvemos os seguintes passos:

1º) diante do quadro (pré-seleção do procedimento de adaptação desenvolvido nos três livros), visualizamos novamente as páginas dos livros no CD-ROM;

2º) indicamos quais páginas tinham textos multimodais (com alguma ilustração ou relacionada ao texto traduzido);

3º) visualizamos os vídeos para verificar se a ilustração influenciou na tradução;

4º) construímos outro quadro para indicar quais as páginas que tinham textos multimodais que influenciaram na tradução;

5º) desenvolvemos um texto descritivo da relação do texto de partida (Português e imagem) com o texto de chegada, apresentamos a ilustração juntamente com *print* da sequência da tradução.

O que os dados mostram sobre a adaptação em livros didáticos

Quando tratamos de tradução de livro didático ocorre a tradução interlingual e intersemiótica, considerando que neste mesmo material

tem as imagens e design entre outros aspectos de significação. Ocorre, então, a interpretação dos signos linguísticos e não linguísticos por meio de outra língua, envolvendo assim o texto de partida, o tradutor e o texto de chegada. Propomo-nos, neste texto, a expandir o escopo de formas de desenvolver o procedimento de adaptação na tradução de português para a Libras relacionando-as à tradução intersemiótica de material multimodal (livro didático).

Constatamos que a adaptação como procedimento técnico é empregada essencialmente nos casos de termos específicos da condição de ouvir para ver/visualizar ou de aspectos culturais muito específicos da comunidade surda, mais adequada à condição das pessoas surdas.

No livro do primeiro ano, encontramos dez termos que se referem aos aspectos de audição e fala. Para todos foi utilizado o procedimento técnico de adaptação, ou seja, de alguma forma os diferentes tradutores que atuaram na equipe lançaram mão de traduzir por algo que referisse à expressão em Libras, ou seja, por falar em Libras; ou que o ouvir, refere-se a perceber informações a partir da sinalização de outrem. Por sua vez, no livro do segundo ano foram encontrados 34 termos que possuem menções que remetem à audição e à fala oral (via aparelho fonador). E no livro do terceiro ano, encontramos 48 excertos que se referem à audição e fala.

Deste modo, foram encontrados 92 excertos ao total. Todavia, esse número não é o total porque quando era a mesma frase, Rocha (2016) apresenta uma única vez os excertos repetidos. Então, esse número não representa o número total de excertos que se referem à

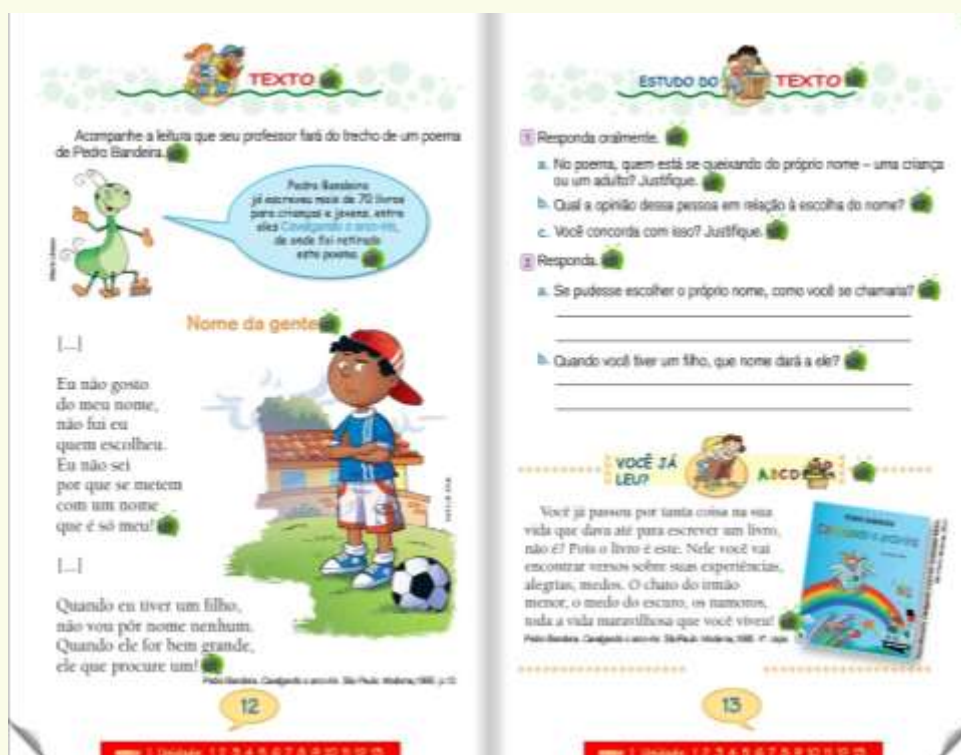
Tradução para Crianças surdas: rara investigação

audição e fala, como as traduções foram as mesmas não repetimos nos quadros.

Analisar a tradução de materiais didáticos se faz interessante, pois são materiais reais e com um corpus extenso. A seguir, apresentamos um excerto com as escolhas tradutórias da equipe de tradutores do material.

Excerto 1:

Figura 1: Visualização da página 12 do livro didático no computador



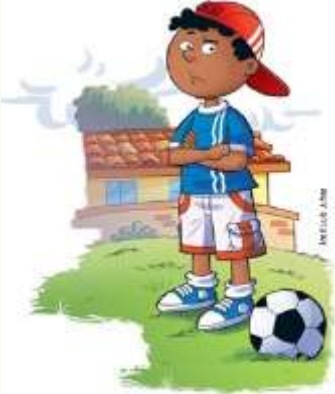
Link da tradução: <https://youtu.be/WuH2gMShAiU>
Fonte: Bragança; Carpaneda (2011, p. 75)

Na página 12 do livro há um poema intitulado “Nome da gente” que está após um enunciado, um balão informativo e permeado por ilustrações, inclusive uma ilustração do menino que porventura estaria

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

enunciando o poema. Deste poema, selecionamos o excerto “Eu não gosto do meu nome” para discutir o procedimento de adaptação.

Quadro 1: Apresentação do excerto 1 com ilustração

Português	“Eu não gosto do meu nome”					
Ilustração do Livro						
Libras (sinalização e glosa)	 ME@	 NOME	 SINAL	 EU	 NÃO-GOSTAR	

Fonte: produção da autora

O tradutor em sua sinalização, para o texto em português “Eu não gosto do meu nome”, adaptou a palavra “nome” para a língua de Sinais como “NOME SINAL”, mantendo o sentido do texto de partida e tendo coerência com a ilustração. Na comunidade surda, as pessoas são batizadas com um sinal manual, ou seja, um sinal-nome.

Pessoas que participam da comunidade surda estão habituadas à coexistência do nome e do sinal-nome. Esse é um fenômeno sociolinguístico inerente ao universo das línguas de sinais, pelo contato de duas línguas com modalidades diferentes que requerem produções articulatórias distintas (orai-auditivas e gestuais-visuais). O nome próprio (de pessoas ou

lugares) tem duas formas nas línguas de sinais: o nome oficial, dado por meio da soletração manual e o nome-sinal, que é um lexema singular que assume forma de apelido, geralmente de referência descritiva (ALBRES, 2016, p. 74-75).

Dessa forma, o tradutor optou por expressar em Libras não só o nome, mas para que o poema fizesse mais sentido para o público surdo expressou o nome mais o sinal.

Outro aspecto interessante no processo de tradução foi o uso de recursos gestuais, pantomímicos e expressões faciais afetivas. Neste caso, o tradutor usou a expressão negativa para ter uma relação com o texto de partida, com a voz do personagem, pois o menino em seu rosto apresenta uma expressão de bravo/sério. Brecailo (2008) explica que:

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por isso para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa (BRECAILO, 2008, p. 05).

O tradutor ao invés de reproduzir o sinal de bravo manualmente (fotografia 2) ou sério (fotografia 3), representa na expressão facial esse significado. Dessa forma, o leitor pode construir sentido a tradução, como apresentamos no esquema explicativo.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Quadro 2: Esquema explicativo da adaptação intersemiótica/motivada do excerto 1



Fonte: produção da autora

A forma como o tradutor escolheu para fazer a tradução desse excerto “Eu não gosto do meu nome”, indica a manutenção da mesma expressão facial da ilustração. Nesta ilustração, apresentada no texto de partida, podemos ver que o menino está com uma expressão de bravo, mas no texto fonte escrito não temos nada explícito que ele estaria bravo. Sendo assim, a multimodalidade influenciou na produção da tradução.

Figura 4: Sinal de BRAVO em Libras

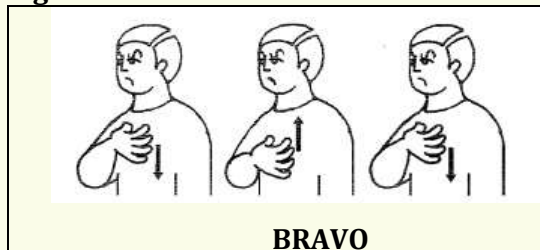
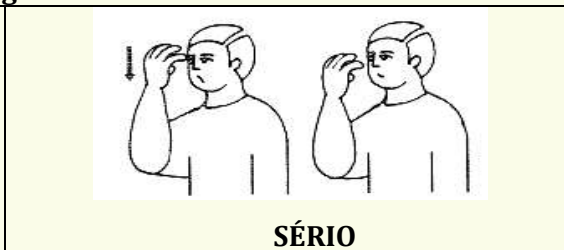


Figura 5: Sinal de SÉRIO em Libras



Fonte: Capovilla; Raphael (2000, v. 1, p. 315). Fonte: Capovilla; Raphael (2000, v. 2, p. 1192).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Excerto 2:

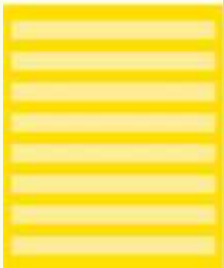
Figura 6: visualização da página 38 do livro didático no computador



Link da tradução: <https://youtu.be/5vOX5QyThUE>

Fonte: Bragança; Carpaneda (2011, p. 75).

Quadro 3: Apresentação do excerto 2 com ilustração

Português	“Depois leia em voz alta, com seus colegas”		
Ilustração do Livro			
Libras (sinalização e glosa)	 AMIG@  A-SUA-FRENTE  LER  VOZ ALTA  LIBRAS		

Fonte: produção da autora

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Quadro 4: Esquema explicativo da adaptação intersemiótica/motivada do excerto 2

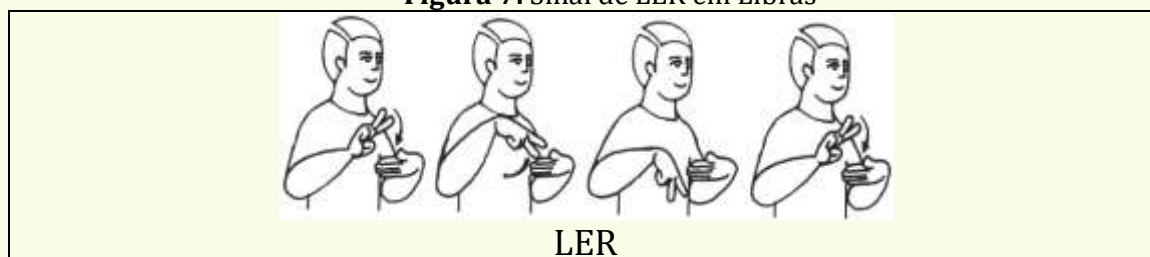


Fonte: produção da autora

No excerto 2, apresentamos uma das páginas do segundo livro e a seguir exibimos as glosas da tradução. Nesta parte, percebe-se que os alunos precisavam recortar as frases que formam uma parlenda que está na página 39 e colar em uma lista apresentada na página 38. Além do texto em português, há também uma ilustração de uma lista onde os alunos devem colar as frases recortadas.

O sinal para a ação de ler requer em uma das mãos a direção dos olhos e na outra mão o suporte matéria, como apresentado no dicionário de Capovilla e Raphael (2000). Na figura 7, vale destacar que a palma da mão é posicionada na horizontal.

Figura 7: Sinal de LER em Libras

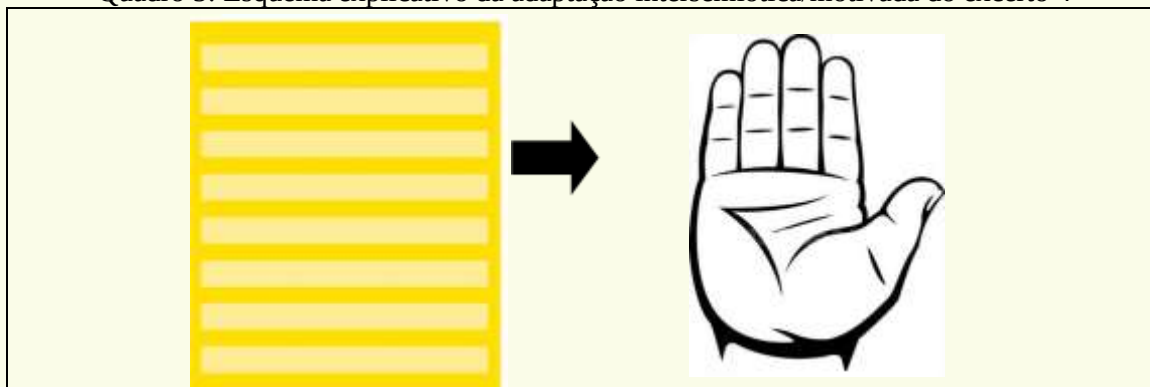


Fonte: Capovilla; Raphael (2000, v. 2, p. 809).

Contudo, na produção da tradução, a equipe de tradução fez opção por manter a mão na posição vertical na perspectiva do leitor. Esse aspecto evidencia a motivação pela posição da lista (ilustração do livro). Veja esquema explicativo no quadro 5.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Quadro 5: Esquema explicativo da adaptação intersemiótica/motivada do excerto 4



Fonte: produção da autora

Na sentença “Depois leia em voz alta, com seus colegas”, consideramos que, no processo de tradução, a tradutora toma como base o verbal e o visual (ilustração da lista) para construção da tradução. Sendo assim a tradutora, em sua sinalização, faz o sinal de LER olhando para a palma da mão, como se ela estivesse lendo a lista como apresentado no texto de chegada. Além disso, houve adaptação da expressão em português “voz alta” acrescentando na Língua de sinais o sinal de “LIBRAS”. Segundo a autora Albres existem estratégias para serem pensadas neste processo de tradução. A tradução de livros de literatura infanto-juvenil, por exemplo, requer a criação dos enquadres de espaço, de motivação pelas ilustrações, das tomadas de notas, dos gestos, do fluxo dos sinais, entre outros elementos. Tudo isso faz parte da multimodalidade em material traduzido (ALBRES, 2014).

Considerações Finais

Analizamos a tradução realizada nos livros didáticos da coleção Porta Aberta – Alfabetização de Português dos 1º, 2º e 3º anos da Editora Arara Azul.

O objetivo deste trabalho foi descrever quais procedimentos de adaptação que possuem a multimodalidade utilizado na tradução de Português para Libras de livros didáticos. Quais elementos do livro didático multimodal motivam enunciação em Libras (texto traduzido)? Os elementos que motivam a enunciação em Libras foram as ilustrações contidas nas páginas do livro. Deste modo, o tradutor usa a multimodalidade como estratégia de tradução. Mas, em que medidas os elementos verbais e não-verbais do livro impresso contribuem para produção em Libras? Como dito anteriormente, as ilustrações auxiliam na tradução, porém além das ilustrações o tradutor usa também a posição e disposição das imagens associadas ao texto como motivação para empregar as estratégias de tradução. Sendo assim, os tradutores usam os elementos verbais e não-verbais, sendo estes os elementos multimodais para fazer a tradução em Libras.

Os dados analisados durante a pesquisa foram coletados manualmente, a partir de materiais digitalizados, o presente trabalhou apresentou como resultado 92 excertos encontrados nos três livros analisados, todos utilizaram o procedimento de adaptação, porém apenas sete excertos apresentaram a multimodalidade, tendo a imagem como motivação para empregar estratégias de tradução para Libras.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Descrevemos todos os procedimentos adotados pelos tradutores relacionando imagem, texto e Libras. No decorrer da análise dos dados e da construção do trabalho de conclusão de curso, percebemos que além de serem observadas as adaptações, a tradução de material didático, eminentemente multimodal, os tradutores leem o texto verbo-visual (texto escrito e ilustrações), para então criar estratégias que os auxiliem na tradução.

Com o tratamento dos dados, inicialmente, analisamos três episódios em que ocorriam o procedimento de adaptação (ROCHA, 2015). Nesta primeira análise, dos dados, ficou evidente que as escolhas de tradução não estavam pautadas apenas em aspectos culturais, pela condição de não audição, mas também pela ilustração do livro. Então, delimitamos para um aprofundamento estudar as relações do emprego do procedimento de tradução com o tipo de material (livro didático multimodal).

Temas como produção, tradução e aplicação são interessantes para futuras pesquisas. Sendo assim, podemos utilizá-las em práticas tradutórias no dia a dia. Este e outros artigos como o de Albres (2004), Santiago (2012) ajudaram em pesquisas e trabalhos que se remetam a multimodalidade ou aos procedimentos técnicos de tradução voltados para a Língua de Sinais.

Referências

A CIENCIA. O conceito de adaptação. Disponível em:
<<http://acienciadavidaingrid.blogspot.com.br/2011/11/o-conceito-de-adaptacao.html>. Acesso em: 29 maio 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais_2012.html. Acesso: em 08 abr. 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Rev. bras. linguist. apl.** 2014a, v. 14, n.4, pp. 1151-1172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/2014nahead/aop6014.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2015. Acesso em: 08 abr. 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino. O espaço do tradutor em material bilíngue (videolivro): uma análise verbo-visual. In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Florianópolis - SC: UFSC. 12 a 14 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2014.html>. Acesso em: 08 abril 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino; COSTA, Mairla Pereira Pires; ROSSI, Thiago William Teles. Gesto-visualidade no processo de tradução de literatura infanto-juvenil: marcas do discurso narrativo. **Revista Tradution**. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/51669>. Acesso em: 08 abr. 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino. SARUTA, Moryse Vanessa. **Programa curricular de língua brasileira de sinais para surdos**. São Paulo: IST, 2012.

AMORIM, Marcel Alvaro de. **A adaptação como procedimento técnico de tradução: uma leitura descritiva do Hamlet em quadrinhos brasileiros**. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 287-311, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v13n1/v13n1a14>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ARARA AZUL. **Site da Editora**. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/empresa>. Acesso em: 16 mar. 2016.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP, 2004.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle, **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização**. 1º ano do Ensino Fundamental I, 1ed., São Paulo: FTP Editora, 2011.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle, **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização**. 2º ano do Ensino Fundamental I, 1ed., São Paulo: FTP Editora, 2011.

BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabelle, **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização**. 3º ano do Ensino Fundamental I. São Paulo: FTP Editora, 2011.

CAMARGO, Diva Cardoso de. **Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus**. São Paulo: Cultura Acadêmica / São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. Coleção Brochuras, v. 1. 65p.

CAPOVILLA, Fernando César; RAFHAEL, Walquiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. v. 2. São Paulo: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2000.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Alcir Mário. GAYDECZKA Beatriz; BRITO Karim Siebeneicher. (org.) **Gêneros textuais: Reflexões e Ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

FELIPE, Tânia Amaral. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.

KELMAN, Celeste Azulay. **A pedagogia visual na educação de surdos: limites e possibilidades**. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/?q=en/content/palestra-pedagogia->

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

visual-na-educa%C3%A7%C3%A3o-de-surdos-limites-e-possibilidades Acesso em: 20 maio 2016.

MOTTA-ROTH, Désirée. (org.). **Redação Acadêmica**: princípios básicos. 3. ed. Santa Maria: UFSM, Imprensa Universitária, 2003.

ROCHA, Francine Anastácio da. **Tradução de materiais didáticos para libras**: políticas de educação e de tradução em questão. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, nov. 2017.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Português e libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. *In*: ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. A. **Libras em estudo**: tradução/interpretação. São Paulo: Feneis, 2012.

SOBRAL, Adail. **Dizer o mesmo aos outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book. Service Livraria, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Editora Atlas 1987.

VASQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la traductología**: curso básico de traducción. Washington Georgetown University Press, 1977.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. **Teorizando e Contextualizando a Tradução**. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 1996.

VINAY, Jean Paul; DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier, (1958) 1977.



CAPÍTULO 2

Tradução de metáforas da língua portuguesa para a libras: uma análise das formas adotadas em livro didático bilíngue

Patrícia Ribeiro Nachtigall
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Tradução de metáforas da língua portuguesa para a libras: uma análise das formas adotadas em livro didático bilíngue

Patrícia Ribeiro Nachtigall

Introdução

Este trabalho pode contribuir com a educação de crianças surdas e com o campo dos Estudos da Tradução ao descrever as formas utilizadas na tradução de metáforas da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais em materiais didáticos pensados para educação bilíngue.

Desde o nascimento, estamos cercados por metáforas. Nossa vida e nossos pensamentos são constituídos por elas. Independentemente de classe social, cultura ou idade, as metáforas fazem parte da natureza humana e são intrínsecas à linguagem, presentes no modo como expomos, interpretamos e construímos nossos pensamentos.

A pesquisa, nesse contexto, surgiu do anseio em compreender sobre a linguagem em uso e o processo de tradução de metáforas da Língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Um dos principais questionamentos iniciais foi: Os tradutores mantêm a metáfora ou traduzem de forma que a metáfora desaparece? Além disso, o desafio está no fato de que a metáfora, além de ser construída pela relação com o mundo, tem sua interpretação realizada individualmente e variada de acordo com o contexto em que está inserida. Tais características também são encontradas no processo de

tradução o qual é realizado conforme a interpretação do tradutor e diretamente ligado ao contexto sociocultural em que se encontram o tradutor e o texto de partida.

Portanto, pretendemos contribuir com o campo dos Estudos da Tradução, ampliando pesquisas na área de tradução em Libras com o enfoque em tradução de metáforas. E ao passo que aprofundamos os conhecimentos sobre as decisões tradutórias aplicadas no material pesquisado e os elementos que as influenciaram estaremos colaborando tanto no desenvolvimento profissional de tradutores e futuros tradutores quanto no desenvolvimento socioeducacional do indivíduo surdo, respeitando suas especificidades linguísticas e culturais.

Para esta tarefa, apresentamos diferentes visões teóricas relativas aos estudos de metáforas, aproximando-as aos Estudos da Tradução ao que tange o funcionalismo alemão e sua preocupação com o público alvo. Apresentamos inicialmente a visão tradicional e, logo em seguida, a visão cognitivo-conceitual representada pela teoria influente e contemporânea de Lakoff e Johnson (2002) chamada Teoria Cognitivo-conceitual e, também, a visão enunciativo-discursiva, pautados em Sobral (2008). Os Estudos da Tradução, classicamente, discutem a equivalência. Nesse sentido, Weininger (2009) nos guiou para a compreensão do debate sobre equivalência na tradução e ao entendimento do ato tradutório como uma ação contextualizada social e historicamente.

Posteriormente descrevemos os tópicos que constituíram o processo de elaboração da pesquisa, de constituição do corpus e a metodologia de coleta e de análise dos dados. Por fim, relatamos as

discussões e a análise dos dados, na qual apresentamos nove expressões metafóricas organizadas em três categorias de sentido, descrevemos a forma de sinalização, analisamos essas expressões com base na teoria enunciativo-discursiva desenvolvida por Bakhtin no enfoque na metáfora, alavancada por Cameron (2005). Os resultados apresentam unanimidade ao indicar que a base da tradução é o sentido, já que as estratégias adéquam o discurso buscando correspondências linguísticas e culturais para a tradução de metáforas do português para a língua de sinais.

Uma das pesquisas pioneiras sobre estudos de metáforas em ASL é a pesquisa de Wilcox. A autora cita que pesquisas sobre diferentes línguas de sinais em distintos países têm identificado elementos icônicos e metafóricos no processo de conceitualização, ou seja, de criação dos sinais e dos significados que representam (WILCOX, 2000). Baseada em Lakoff e Johnson e na teoria conceitual-cognitiva, sobre a ASL, Wilcox (2000) elaborou a classificação das metáforas em que as ideias são tidas como objetos e a mente um recipiente.

Na Língua de Sinais Brasileira - Libras, os estudos da metáfora despontam com Faria (2003, 2006). A autora observa as diferentes representações metafóricas, como locuções, expressões idiomáticas, provérbios, colocações e gírias, tidos pela autora pelo termo “fraseologismos”, bem como traça uma descrição entre as metáforas presentes na Libras e no Português. Baseada em Faria (2003), Albres (2012) nos traz alguns exemplos do amplo repertório de metáforas existentes na Libras. Como na imagem, a seguir, da expressão “abrir a mente” ou “cabeça aberta” utilizada para designar uma pessoa com a qualidade de caráter acessível, flexível, aberta a novas ideias.



Figura 1: ABRIR-CABEÇA

Baseado em: (FARIA, 2003, p. 119) Fonte Albres (2012).

Ainda nessa linha de que a mente é uma entidade/recipiente podemos citar “apagar da memória”, “organizar o pensamento”, “guardar na memória”. Neste caso, a metáfora refere-se à mente como recipiente, mas, conforme Albres (2012), também pode se referir a outras sensações e partes do corpo. Na Libras, encontramos “pernas tremendo” que se refere ao estado de tremor como consequência do nervosismo, ou “arrepiar os pelos do braço” para dizer que se está emocionado, ou ainda “de cabelo em pé” como sensorial, e “abandar o rabo” como característica do animal cachorro que designa tanto felicidade quanto submissão dependendo do contexto discursivo.

Albres (2012, p. 75) tendo como objetivo apresentar uma descrição linguística, não se ateve ao processo de tradução, mas justifica que “[...] as glosas se referem à descrição do domínio fonte e não necessariamente ao significado da expressão”. Ela optou por registrar as metáforas em Libras na forma de imagens e glosas mais próximas do sinal/palavra.

Visão enunciativo-discursiva

Na perspectiva enunciativo-discursiva, uma palavra ou metáfora não pode ser analisada independente do contexto em que foi utilizada, pois é na interação com o outro que os discursos vão tomando formas e significação, de acordo com os indivíduos envolvidos e com o contexto sociocultural em que esses discursos estão inseridos. Assim, a metáfora é um produto cultural, ideológico e discursivo interacional. Como afirma Coracini (1991), “[...] os conceitos metafóricos estão de tal modo arraigados a nossa cultura que estruturam nossas atividades diárias e científicas de modo imperceptível e inconsciente, são, aliás, constitutivas da forma de pensar e agir de uma época” (CORACINI, 1991, p. 137 *apud* NUNES, 2005, p. 48).

Esta corrente de pesquisa iniciou-se com a pesquisadora inglesa Lynne Cameron no ano 2000 sob a influência de I. A. Richards, M. Bakhtin, L. Vygotsky, J. R. Firth e J. McH. Sinclair. A autora define metáfora como “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um domínio de veículo, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de ideias de tópico durante um evento discursivo”. Para além dessa definição, estudos fundamentados em Bakhtin têm ampliado o escopo do discurso a ser analisado, ou seja, não limitando ao texto escrito exclusivamente, mas sim analisando a linguagem verbo-visual, seu contexto sócio cultural e político e o caráter ideológico.

O pesquisador brasileiro Adail Sobral (2008, p. 76), em seu livro *Dizer o mesmo aos outros*, define o termo correspondência como “recursos de criação de sentido de uma língua que podem ser recriados

por meio de recursos de outra língua, para produzir efeitos de sentido semelhantes”. Esses recursos não seriam exclusivamente textuais, mas também discursivos e atrelados ao contexto histórico-social em que são gerados, pois são as circunstâncias de onde emergem as enunciações que determinam o sentido dos enunciados, conforme Sobral (2008, p. 80). Portanto, partindo do entendimento de que os discursos, ou seja, o texto alvo e o texto fonte estão diretamente ligados ao contexto sociocultural de cada língua envolvida, podemos dizer que estes contextos não se repetem, eles não são equivalentes.

Pensar na ideia de correspondência implica entender a tradução como um trabalho de compreensão da complexidade e diversidade das formas de expressão existentes em uma língua utilizadas para a criação de sentidos construídos em determinada cultura e época em que “o trabalho do tradutor seria, nesse sentido, o de conhecer de maneira cada vez mais profunda essas formas nas línguas com que trabalha a fim de melhor criar essas correspondências” (SOBRAL, 2008, p. 81).

Ao pensarmos na grande diversidade cultural brasileira, percebemos a vasta gama da variação linguística e a complexidade de se traduzir do português para a língua de sinais. Os surdos experienciam o mundo de forma exclusivamente visual, e não sonora como acontece no “mundo dos ouvintes” falantes do português. Mas mesmo entre línguas de modalidades diferentes é possível encontrar aspectos comuns relativos à forma de se expressar, mesmo porque a Libras e o Português entram constantemente em contato em meios onde surdos e ouvintes dividem espaço, e isso faz com que ocorra

influência mútua (evidenciada a influência do Português sobre a Libras), gerando assim elementos que ambas as línguas compartilham, como, por exemplo, determinadas expressões metafóricas.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida possui caráter qualitativo do tipo analítico-descritivo, sendo de natureza aplicada. Assim como descrevem Gerhardt e Silveira (2009), ela busca solucionar a questão norteadora que, neste trabalho, está relacionada às formas adotadas na tradução de material didático para a Libras e a como os resultados podem contribuir para a área dos Estudos da Tradução, especificamente na tradução de metáforas e na tradução do par linguístico Português/Libras.

Delimitação do *corpus*

A princípio havia a disposição vinte livros didáticos do ensino fundamental, de 1º a 4º série, dos componentes curriculares Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Seleccionamos os livros da disciplina de português pela possibilidade de conter maior quantidade de metáforas, melhor contextualizadas por abrigar mais textos de diversos gêneros. O *corpus* ficou constituído de quatro livros de português impressos em língua portuguesa e quatro livros digitais em DVDs traduzidos para Libras que se destinam, respectivamente, à educação de alunos ouvintes e surdos das séries iniciais do ensino fundamental. Esse material foi traduzido (filmado e editado) para a

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Libras por tradutores profissionais surdos e ouvintes às escolas bilíngues, em parceria com a editora Arara Azul, renomada no Brasil pela qualidade de seu trabalho e de suas publicações na área da educação de surdos.

Com a delimitação do *corpus*, foram definidas como unidades da tradução a serem analisadas as sentenças que continham metáfora, em que o sentido deveria ser inferido requerendo a interpretação (no sentido de compreensão) da metáfora.

Estabelecimento de amostra

O *corpus* é constituído por elementos tanto em língua portuguesa quanto em Libras. Levantamos 34 metáforas no livro da 1ª série³, 29 metáforas no livro da 2ª série, 16 metáforas no livro da 3ª série, e 53 metáforas no livro da 4ª, totalizando 132 metáforas em língua portuguesa. Mediante a impossibilidade de analisar todo esse *corpus* neste trabalho, selecionamos 9 metáforas para descrição e análise, as quais, pelo sentido, foram organizadas em três categorias.

Os critérios de seleção da amostra foram: a recorrência de sentido, ligação com o contexto e formas linguísticas distintas.

As técnicas de coleta de dados

Primeira etapa: leitura do português

Uma vez selecionadas as metáforas para análise, desempenhamos o trabalho de leitura minuciosa do material e o levantamento dessas unidades metafóricas para, posteriormente,

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

realizar a identificação do procedimento de tradução para Libras. Desenvolvemos um quadro para registros das expressões, constando a identificação do livro, o número da página e o trecho do texto em que a metáfora foi empregada, sendo que a metáfora foi destacada em negrito. Há também uma explicação do sentido da metáfora em português, quando necessário.

Os gêneros mais encontrados nos livros didáticos pesquisados foram: narrativa, receita, ordem, descrição, poesia, informativo, diálogos, carta, entrevista.			
Livro 4ª série			
Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
p. 08	“Durante a leitura fique de olho!”	Atenção	Texto de orientação (enunciado)
p. 09	“A vida do menino de Brodóski na nova cidade era dura”	Vida difícil	Texto narrativo

Quadro 1: Exemplo do processo de levantamento das metáforas

Segunda etapa: revisão da tradução em Libras

Com a revisão, foram redefinidas algumas das unidades de análise de forma a apresentarem mais claramente o contexto em que a metáfora foi empregada, a fim de facilitar sua localização no texto e, assim, no vídeo da tradução (livro digital).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Figura 2: visualização do CD com vídeo sobreposto a imagem da página

Nesta etapa, apareceram diversas barreiras relacionadas ao uso de ferramentas de softwares, inclusive ligadas ao formato em que é gravado o livro, mais especificamente a velocidade que transcorre o vídeo, pois não há opção de menor velocidade na barra de manuseio, somente encontramos as opções play, pause e voltar para o início. Esse fato nos leva a reflexão sobre quão viável seria para uma criança surda assistir e conseguir entender de forma tão rápida essas passagens, muitas vezes, complexas.

Pressupõe-se que o raciocínio seja tão rápido quanto o vídeo e que exista o pleno domínio da Libras para que se possa realizar a leitura das traduções. Em relação ao uso de softwares, não encontramos um programa em que fosse possível separar o vídeo da plataforma do digitalizado o que nos levou a captar a imagem por meio de fotos da tela, um trabalho que despende mais tempo e atenção,

muitas vezes, não dando conta de captar com precisão devido ao formato oferecido no livro digital.

Para a captura da imagem, utilizamos o programa *aTubeCatcher* que tem uma função de captura do vídeo simultaneamente ao momento em que é passado no computador. Para tanto, em sua aba *ScreenRecord*, há possibilidade de selecionar a captura do vídeo do início ao fim. Foi delimitada a área específica do vídeo, da tradução que é apresentada sobreposta à página do livro e copiamos o vídeo, um por um, para então disponibilizar no site *YouTube* colocando o link no trabalho, a fim de possibilitar ao leitor assistir aos vídeos em Libras a cada análise.

Procedimentos de análise e notação de dados

Acerca dos métodos e técnicas adequados para descrever teoricamente a tradução das metáforas destacamos que nos baseamos na abordagem enunciativo-discursiva, em que Lynne Cameron (2005) estabelece procedimentos para pesquisas com metáforas, preconiza a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real e utiliza a noção de alteridade posta por Mikhail Bakhtin, na qual a transposição para o lugar/conhecimento acerca do outro ocorre por meio do entendimento da metáfora deste indivíduo.

Assim, levantamos os possíveis fatores envolvidos nas escolhas de tradução, em maior ou menor grau, tais como: necessidade de tradução pelo sentido ou de tradução literal, propriedades das Línguas de Sinais que são espaço-visuais (iconicidade e processo metonímico de metaforização) e aspectos culturais; a fim de desvendar conteúdos

culturais arraigados no Português e o como foram transpostos para os surdos por meio das traduções para a Libras. A identificação foi realizada pela captação das unidades metafóricas que sofrerem modificação ou explicitação na língua alvo. Realizar imprescindivelmente por meio de metodologia específica para a investigação, isto é, perceber o contexto do discurso e a intenção do texto fonte.

Para o registro dos dados da Libras, foi utilizado um sistema que mescla descrição e transcrição. Realizamos a descrição com base em Faria (2006) e transcrição com base no sistema de notação proposto por Felipe (2005) buscamos adotar um sistema que pode ser configurado como uma terceira convenção resultado da combinação entre as propostas mencionadas e a adaptação adequada ao contexto e necessidade deste trabalho.

Para a notação dos sinais adotamos o sistema de transcrição para a Libras baseado em FELIPE (2005), denominado “sistema de notação de palavras”, em que as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais. Assim, a Libras será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da língua portuguesa em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)” etc.

Descrição das traduções

Levantamos metáforas em português e suas traduções para a Libras, categorizando os procedimentos de tradução utilizados para traduzir as metáforas. Buscamos interpretar as decisões tradutórias relacionadas a um contexto sociocultural, levando em conta o público alvo (alunos surdos).

A visão enunciativo-discursiva concebe o processo de construção de sentido da metáfora sempre em movimento, ou seja, o conceito é construído em determinado contexto de interação, procurando desvendar as relações e alteridade do tradutor/intérprete de Libras com o contexto e o público alvo mesmo que em processo de tradução.

Partindo dos aspectos linguístico-discursivos da língua em processo de tradução como dado concreto de pesquisa, desenvolvemos três categorias para descrição. Buscamos os sentidos recorrentes para diferentes metáforas em português, expressas de diferentes formas. São elas:

Categoria 1 – metáforas que expressam *sentimentos* – mais especificamente sentimento de estar *apaixonado*;

Categoria 2 – metáforas que expressam *ações* – mais especificamente a ação de *não dar atenção*;

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Categoria 3 – metáforas que expressam *dificuldades* – mais especificamente o *modo de ver uma situação difícil*.

As expressões levantadas em cada categoria foram as seguintes:

SENTIDO	Trecho em que apresenta a metáfora	Gênero textual
SENTIMENTO/ APAIXONADO	“Perdido de amores, ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 122)	Narrativa
	“E a lua também enfeitada faz caprichos de namorada” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 143)	Poema
	“Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, amarrado aos seus pés” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 28)	Texto Informativo
AÇÃO/ NÃO DAR ATENÇÃO	“Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador não ligou para ele” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
	“A rainha não lhe deu ouvidos” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
	“O macaco foi até o gato pedir a ele que comesse o rato. O gato não fez conta dele.” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
DIFICULDADES/ MODO DE VER UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL	“A vida do menino de Brodóski na nova cidade era dura” (BRASIL, 2010, 4ª Série, p. 09)	Texto narrativo
	“Ser laranja não é canja” (BRASIL, 2010, 3ª Série, p. 44)	Poema
	“E atenção que o negócio está preto” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 174)	Letra de música

Quadro 2: Categorias das metáforas em análise e dados de identificação

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Apresentamos a seguir uma análise detalhada de cada metáfora selecionada.

Categoria 1 – metáforas que expressam sentimentos – mais especificamente sentimento de estar apaixonado. Nesse sentido, encontramos três metáforas em português.

a) “Perdidos de amores”

A primeira delas foi coletada de um texto narrativo que conta a história de dois reinos chefiados por dois poderosos cachorros que, apesar da rivalidade, viviam em paz e um deles se apaixonou pela irmã do seu rival.



Figura 3: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.122)

Para a metáfora destacada na sentença “Perdido de amores, ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival”, apresentada no livro da

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

primeira série (BRASIL, 2010, p.122), o tradutor utilizou em Libras a expressão [CACHORRO-CHEFE top. ELE] [AMOR] [IR -CHEFE - CACHORRO]. O sentido pretendido no texto em português é o de estar muito apaixonado, tal sentido levou o tradutor a realizar o sinal de AMOR (figura 4) juntamente à expressão facial de intensidade.



Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dPaHvc6O7y4&feature=youtu.be>

Figura 4: AMOR

Havia outras possibilidades de tradução da metáfora “Perdido de amores”, como APAIXONADO (figura 4) numa tradução mais transparente/direta, ou ainda se poderia ter traduzido a metáfora por outra metáfora, por exemplo, se usasse o ARRASTAR-SE- NO-CHÃO ou o LAMBER-O-CHÃO (figura 5).



Figura 5: APAIXONADO Figura 6: ARRASTAR-no-CHÃO

Todavia, a escolha do tradutor foi por manter um sinal mais comum e não metafórico. Consideramos que o efeito de sentido não foi mantido, além disso, a questão estética se perdeu.

Sendo assim, na figura 5 acima, a expressão apaixonado pode ser tida como uma metáfora, pois é constituída por elementos semanticamente interligados, como o sinal manual, a expressão facial gramatical e afetiva, a direcionalidade e movimento circular lento levemente para fora do rosto, todos eles parâmetros gramaticais da Língua Brasileira de Sinais. Além disso, apaixonado, poderia dar um tom muito mais poético indo ao encontro do texto fonte, o qual se tratava de um poema. Já na expressão metafórica da figura 6, se utilizada, percebe-se o risco de acabar por confundir o receptor ou conduzi-lo a imaginação da ação influenciada pela forma do sinal, uma vez que a forma corresponde a uma pessoa se arrastando e o conteúdo seguinte no contexto da narrativa se refere à ação de ir até o reino do rival.

b) “Enfeitiçada”

A segunda metáfora foi identificada no gênero poema em que o narrador conta que o Girassol da sua rua está apaixonado pela Lua, no livro da primeira série (BRASIL, 2010, p. 143). Na sentença “E a lua também enfeitiçada faz caprichos de namorada”, o sentido pretendido com a metáfora destacada é de estado de encantamento.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Figura 7: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.143)

Para a tradução deste sentido a tradutora elaborou o enunciado [top.LUA-ATRAÇÃO -NAMORAR] (figura 8) rico em expressão facial, a tradutora acrescenta em sua tradução colocar uma das mãos no queixo, joga um beijo e pisca o olho.



Figura 8: ATRAÇÃO
Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NwDuqG2ZkA0&feature=youtu.be>

Tal estratégia faz uso de gestos/expressões corporais que realçam o sentido de que a Lua também está apaixonada pelo Girassol. A tradutora direciona o tronco e a sinalização para seu lado direito, onde imageticamente estaria o girassol, utilizando-se da incorporação

da personagem Lua. Desta forma, nesse trecho ela utiliza o discurso em primeira pessoa como se fosse a lua falando para o girassol que ela está enfeitiçada. Assim, a tradutora configura um diálogo, o que está um pouco distante da voz do narrador do poema.

Albres (2013, p. 13), em análise de tradução afirma ser comum “transformar o texto em português que está em terceira pessoa (ele) [...] em discurso direto, usando a primeira pessoa (eu). Essa estrutura é essencial à enunciação que envolve incorporação dos personagens”.

Consideramos que a tradução executada atingiu o objetivo pretendido do termo ‘enfeitiçada’, e mais, toda a encenação completa o efeito total da sentença de ‘caprichos de namorada’ do texto de partida: “E a lua também enfeitiçada faz caprichos de namorada”.

c) “Amarrado aos seus pés”

A terceira expressão metafórica em destaque na sentença “Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, amarrado aos seus pés” foi identificada no recorte do texto da página de classificados em jornal de anúncio de serviços no livro da segunda série (BRASIL, 2010, p. 28), porém não encontramos tradução disponível.

OVOS DE PÁSCOA Caseiro, cabóinhas de bombom, ovos e corações trufados. Requite Cestas. Tratar no telefone: 1122-3344

PAPS POÇOS ARTESIANOS Recuperadora de bombas submersas e perfuração de poços. Tr. F: 1122-3344

SALÃO DE FESTAS - ALUGO 450/200 Pessoas Tr. F: 1122-3344

SAX-SOPRANO VENDE-SE Werli Master, dourado, ótimo estado. Sax Tenor Spectra, dourado, ótimo estado (quase zero) Tr. F: 1122-3344 Falar com Agnivaldo.

TINTAS VAREJÃO DAS TINTAS Pinte c/ a gente e fique contente. Confira os nossos preços. Cobrimos qualquer orçamento. Av. Brasil, 55-Tr. F: 1122-3344

TINTAS Beion Tintas, Massa Corrida R\$ 19,00, grafeto R\$ 59,00, saldo Resil Lates GL R\$ 20,00, saldo Wondamur GL R\$ 20,00 Tr. F: 1122-3344

VIDENTE DO AMOR Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado e amarrado a seus pés. Faça o que os outros só prometem. www.videnteamor.kit.net Tr. F: 1122-3344

O Inquieta, Presidente Prudente, 8 abr. 2004. (Texto adaptado.)

Vamos explorar o texto

2 Qual é a intenção dos textos acima?

- Contar uma história.
- Anunciar alguma coisa.
- Convidar para uma festa.

Anúncios são textos escritos para anunciar algo, isto é, comprar, vender ou trocar um produto ou serviço, informar e pedir ajuda às pessoas. Pequenos anúncios são chamados de classificados.

3 Qual destas intenções não é possível encontrar nos anúncios lidos?

- Vender um objeto.
- Oferecer um emprego.
- Oferecer um serviço.
- Você conhece outras finalidades para os anúncios classificados?

4 Transcreva no caderno a alternativa com a informação que está presente em todos os anúncios.

- O preço.
- O local.
- O número de telefone para contato.

MENU UNIDADES 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Sair 28

Figura 9: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.28)

A página em que foi identificada a metáfora é constituída de exercícios que se referem ao conteúdo textual do recorte de jornal como pode ser visualizado na imagem acima (figura 09). Em praticamente todas as partes textuais está disponível um ícone que serve de link para abrir o vídeo da sinalização correspondente àquele trecho. Contudo, o segmento dos classificados não apresenta tradução e isso nos fez refletir: De que modo então o surdo responderia às questões? Esta parte do texto não precisaria ser traduzida? Quais foram os critérios para deixar de traduzir esse texto?

Categoria 2 – metáforas que expressam ações – mais especificamente a ação de não dar atenção; para o sentido de “não dar atenção” a outra pessoa em um processo interativo, identificamos três metáforas em português no livro da primeira série (BRASIL, 2010, p. 71) no mesmo texto do gênero narrativa em que aparecem dois narradores.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Essas metáforas encontram-se no mesmo contexto e carregam o mesmo sentido. A narrativa conta a história de um macaco que deixou sua banana cair no oco de uma árvore e resolve pedir ajuda a diversas personagens.

a) “Não ligou para ele”

Para a expressão em destaque na sentença “Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador não ligou para ele.”



Figura 10: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.71)

Percebemos a voz do macaco em forma de pedido e em seguida percebemos a voz do narrador que expõe a reação do interlocutor do macaco, no caso o lenhador. Para o sentido da metáfora destacada a tradutora utilizou o sinal VER (figura 11) acompanhado de expressão facial correspondente ao sentimento de desprezo.



Figura 11: VER

Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IsdFCYJSQ5w&feature=youtu.be>

Mantendo a configuração da mão, ela realiza como estratégia, a incorporação da personagem lenhador e faz um movimento de cabeça para o lado contrário da localização imaginária do macaco, intensificando-o com a virada do tronco e a orientação da mão. Esta escolha tradutória manteve o sentido de não prestar atenção e, além disso, de forma coerente com a cultura surda que preza pelo uso da visão, do contato visual para dar atenção ao que o outro diz, de modo que se uma pessoa, tanto o surdo como o ouvinte, quando olha para o outro lado durante o enunciado do outro essa pessoa não estará prestando atenção.

b) “Não lhe deu ouvidos”

Já na sentença “A rainha não lhe deu ouvidos” a escolha tradutória pode ser descrita então como [cl.PESSOA-MULHER-COROA] [MACACO-IR] [PESSOA- ANDAR].



Figura 12: cl.PESSOA ANDAR

Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sahZ-Cc50_8&feature=youtu.be

A tradutora utiliza espaço *token*⁵ para a sinalização, o que descreve uma narração mais distanciada do que a incorporação, mesmo com a presença de expressão facial de desdém da personagem rainha e carrega traços textuais anteriores presentes na sentença que podem ter influenciado nas escolhas da forma de sinalização, de modo a manter a coerência da narrativa. E assim, atinge o sentido pretendido que é de não dar atenção a alguém e complementa com a colocação de que a rainha sai de cena, desloca-se para fora da interação com o macaco.

c) “Não fez conta dele”

“O gato não fez conta dele”. Para esta sentença a tradutora utilizou-se de uma metáfora comumente utilizada nos discursos em Libras, a qual pode ser descrita como JOGAR para TRÁS em que a tradução se dá no nível lexical na língua fonte abrange o sentido pretendido de ver/ouvir, mas não dar atenção.

⁵ Espaço mental Token, segundo Liddel e Metzger (1998 *apud* XAVIER, 2012, p. 92-93), é denominado aquele em que o indivíduo sinaliza realizando referências por meio de apontamento e/ou demarcações no espaço neutro a sua frente indicando terceira pessoa.



Figura 13: JOGAR TRÁS

Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=W0Ij4mzf7to&feature=youtu.be>

Notamos também que a tradutora proporciona coesão textual ao manter, nas três unidades selecionadas da narrativa, a direção do olhar, o posicionamento do tronco por meio do recurso *role shift* e ⁶a sinalização no mesmo lugar, sempre de acordo com a posição das personagens. Além disso, a tradutora enriquece o texto com a variedade no vocabulário empregado para o mesmo sentido, evitando a repetição lexical.

Categoria 3 – metáforas que expressam dificuldades – mais especificamente o modo de ver uma situação difícil. Nessa categoria também identificamos três metáforas para análise.

a) “O negócio está preto”

A primeira delas foi retirada/encontrada no livro da segunda série (BRASIL, 2010, p. 174) em um texto de gênero definido no próprio livro como música. A letra conta a história de personagens avisando sobre feitos na cidade grande.

⁶ Role Shift é a denominação dada ao movimento do tronco à esquerda e/ou à direita realizado pelo sinalizante conforme a incorporação de personagens em uma narrativa demonstrando a troca de papéis no discurso (FELIPE, 2013).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Figura 14: Visualização da página do CD-ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p. 174)

Para a metáfora em destaque na sentença “E atenção que o negócio está preto” a tradutora sinaliza COISAS BRAV@ DIFÍCIL (figura 15), realizando apontamento no espaço neutro a sua frente, o que remete diretamente a um narrador, o qual conta que estão acontecendo coisas difíceis se referindo a um restaurante que está assando galeto.



Figura 15: COISAS BRAV@ DIFÍCIL

Vídeo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_QzrUb8519I&feature=youtu.be

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Esta tradução contempla de forma ampla o sentido proposto. Mantém inclusive, por meio das expressões faciais marcantes e direção do olhar adequados à metáfora, elementos implícitos próprios de uma metáfora (ao dizer “coisas” sem especificar) o que incentiva a interpretação individual do aluno.

b) “Não é canja”

A segunda metáfora foi identificada no livro da terceira série (BRASIL, 2010, p. 44) na sentença “Ser laranja não é canja” no texto do gênero poema, no qual as personagens são hortifrutis tecendo suas reclamações no supermercado e a frase provém do discurso da personagem laranja que carrega o sentido de que ser laranja não é fácil.



Figura 16: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.44)

A tradutora realizou a identificação do narrador, por meio de referenciação, no espaço neutro levemente à esquerda e com uma marcação nominal para designar de quem seria a voz, uma forma

natural e coerente de anunciar uma incorporação. A escolha consistiu no enunciado em Libras [LARANJA ELAtop. FALOU:] [MARCA NOME LARANJA MEUtop. FÁCIL NÃO] (figura 10) e, para reforçar o objetivo do discurso da laranja como uma queixa, a tradutora fez uso da expressão facial intensificada. Assim o conjunto de escolhas bem empregadas deixa claro o sentido pretendido.



Figura 17: FÁCIL NÃO
Vídeo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=KlyOe_e6ENw&feature=youtu.be

c) “Era dura”

A terceira metáfora levantada desta categoria está no livro da quarta série (BRASIL, 2010, p. 9) em um texto narrativo que conta a história de Portinari desde o início de sua trajetória como artista. “A vida do menino de Brodósqui na nova cidade era dura.”



Figura 18: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.9)



Figura 19: pant.SOFRER

Vídeo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=7hHufF_2Xic&feature=youtu.be

A tradutora enunciou inicialmente, como correspondente em Libras para a expressão destacada em português, um gesto de pantomima que contemplou um sentido de situação complicada, difícil, confusa e, após isso, utilizou o sinal de SOFRER para alcançar de forma bem sucedida o significado, tanto para o léxico sofrer enquanto sinal com baixo nível de iconicidade e representante de conteúdo abstrato (sentimento) quanto no nível semântico em que se traduz um sentido de complicado/situação complicada para a metáfora correspondente no português vida dura. A troca de narrador e personagem acontece de forma quase imperceptível num dado momento.

Durante o uso de pantomima, a tradutora está com o tronco direcionado para o lado e já ao sinalizar sofrer ela está direcionada para frente na posição de narrador. O mesmo acontece com a tradução de ser laranja não é canja (figura 17) em que o narrador vem primeiro anunciando a personagem do discurso e logo a tradutora incorpora a personagem laranja. Nas traduções de não lhe deu ouvidos (figura 12) e não ligou para ele (figura 11) podemos identificar a situação em que, durante a narrativa, o sinalizante é ao mesmo tempo personagem e narrador, tal como descrevem Liddel e Metzger (1998 *apud* XAVIER, 2013).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Como coloca Weininger (2009), o tradutor deve ter uma enorme capacidade de mimetização para designar os mais diversos personagens e conceitos como percebido na tradução de vida dura (figura 19) e na sinalização que faz uso de gestos e pantomima para complementar o sentido de enfeitiçada (figura 8).

Mesmo tendo o mesmo sentido o tradutor pode traduzir as formas diferentes com várias estratégias, como foi o caso das três formas apresentadas para o sentido de não dar atenção em que a tradutora realizou duas delas com a mesma estratégia, virando tronco e cabeça para o lado direito em sinal de desprezo, e a terceira forma realizou um sinal que abarca o sentido de ver, mas não dar atenção ao locutor. Uma das formas interessantes encontradas na busca por correspondência na língua alvo de acordo com a ideia de Sobral (2008) foi a utilização de outra metáfora como na tradução de não fez conta dele (figura 14) o que, aliás, gerou grande dificuldade em realizar a transcrição em glosas, mesmo sabendo o significado do léxico e o sentido adotado. Para fins de transcrição só conseguimos encontrar correspondências também metafóricas ou gírias para o sinal utilizado na tradução.

Conclusão

Com essa pesquisa, apresentamos as diferentes formas resultantes nas traduções de metáforas. E como consequência, por meio de estudo das teorias abordadas neste trabalho, como a Cognitivo-conceitual e a Enunciativo-discursiva, podemos melhor entender a estruturação do pensamento, da linguagem e das línguas de

sinais no que se refere às metáforas e interligando nesse processo a questões culturais, linguísticas e tradutórias. Nesta trajetória, percebemos a importância do trabalho de traduções alavancado e realizado por profissionais ligados a editora mencionada, sendo inquestionável para o acesso do sujeito surdo aos conteúdos curriculares. A limitação no processo de analisar tanto o texto em língua portuguesa quanto a tradução em língua de sinais, estava no fato de que ambos são estáticos no seu registro; um a escrita e o outro o vídeo filmado em estúdio.

Como as metáforas são construídas e entendidas em decorrência de experiências para com o nosso mundo, a tradução de metáforas tende a ser dirigida a cultura alvo, assim se torna não aconselhável traduzir a metáfora de forma literal se ela não estiver abarcada também pela cultura alvo, pois pode prejudicar a comunicabilidade-compreensão textual. Porém, os elementos que fizeram previamente parte da “cultura surda” poderão ser considerados aspectos comuns entre as duas esferas linguísticas e sociais do Brasil. A tradução surge também como forma de tornar o conteúdo, não só acessível em Libras, como também inteligível para as crianças e para os jovens surdos.

As formas de tradução descritas neste trabalho nos fizeram refletir sobre a existência da influência social nas decisões de tradução. Nesse contexto, os livros didáticos com distribuição nacional em uma proposta de educação bilíngue para surdos no Brasil representam certa pressão de responsabilidade de conteúdo e nos leva a pensar que quanto mais prestígio tem o texto fonte mais próxima da literalidade tende a ser a tradução, ou “gramatical e lógica” nas palavras de Lefevere (2007), mesmo no par Libras/Português. Os resultados

registrados aqui também mostram que cada tradutor é responsável por sua tradução, pelas escolhas linguísticas e estratégias utilizadas, conforme seu entendimento do texto e seu conhecimento de mundo e da língua, mesmo em um material com supervisão de tradução.

Com as análises, compreendemos que a adequação da tradução ao público alvo é vital, uma vez que muitas metáforas em português diferem consideravelmente da cultura a que pertence a língua de sinais, assim se traduzidas de forma literal ocasionam choque e incoerência ou se traduzidas pelo sentido pode acarretar na desconstrução da metáfora. Contudo, os tradutores em sua maioria buscaram estratégias de tradução com o enfoque no sentido pretendido a fim de alcançar o público-alvo e, quando possível, utilizaram expressões metafóricas correspondentes em língua de sinais. Nesse sentido, o uso de metáforas nas escolhas tradutórias poderia ser mais recorrente, pois as crianças podem e devem estar em contato com as mais variadas formas de se dizer a mesma coisa ou as várias formas metafóricas existentes em sua língua, pois auxilia no desenvolvimento intelectual uma vez que proporciona aprofundamento do pensamento abstrato e imagético e estimula o pensamento lógico por meio do trabalho cognitivo de desvendar a metáfora.

Caberia uma investigação mais profunda acerca das dúvidas que foram levantadas com este trabalho. Uma delas está relacionada à compreensão dos surdos a respeito de sua língua e o quanto de português é transposto para eles, não só como conteúdo curricular, mas os elementos que subjazem à cultura e são transpostos por meio da língua. E a outra seria estudar desdobramentos do tema e direcioná-

lo a uma análise discursiva objetivando desenvolver uma percepção crítica da sociedade e suas ideologias, além dos elementos em mútua influência com a linguagem, como afirmam Lakoff e Johnson e Bahktin em suas respectivas teorizações acerca da linguagem e da relação com o social.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. In: ALBRES, N.; XAVIER, A. (Org.). **Libras em estudo**: descrição e análise. São Paulo: Editora Feneis, 2012. p. 57-83.

ALDRIGUE, Natália de Sousa. **A metáfora conceptual como recurso argumentativo em folderes turísticos**. Dissertação (mestrado) – 2007. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007.

ANDRADE, Karen Alves de. Os gêneros textuais e o livro didático de língua portuguesa: da teoria à prática. Universidade Estadual de Londrina. **Anais do SIELP**. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

ARARA AZUL. **Site da Editora**. A Empresa. Disponível em: <http://editora-araraazul.com.br/site/empresa>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BRASIL, **Decreto n.º 5626/05** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei no 10.436 e o art. 18 da Lei no 10.098. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16 abr. 2015.

BRASIL, **Lei n.º 10.436/02**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 de abril de 2002. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 abr. 2015.

BRASIL, **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014 Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 25 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 04 maio 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitanguá**: Português, 1º série. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.

BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitanguá**: Português, 2º série. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.

BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitanguá**: Português, 3º série. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.

BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitanguá**: Português, 4º série. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. PCN da língua portuguesa de 1º a 4º série disponível em: <http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em: 04 maio 2015.

FARIA, Sandra Patrícia. Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? - 2006. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/802/817>. Acesso em: 15 abr. 2015.

FELIPE, Tânia A. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.

FELIPE, Tânia A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. Universidade de Pernambuco – UPE. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, jul./dez. 2013.

GERHARDT, Tatiana Engele; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark L. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

NUNES, Silvia Regina. **Metáfora e espetáculo no discurso de divulgação científica da mídia**. Dissertação (Mestrado) – 2005. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá.

OLIVEIRA, Paula Helouise. Metáfora Conceptual e Língua de Sinais-libras. UERJ. **Cadernos do CNLF**, v. XIV, n. 4, t. 3, p. 2836-2851, 2010. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2836-2851.pdf. Acesso em: 16 abr. 2015.

PUZZO, Miriam Bauab. Gêneros discursivos: capas de revista. **Revista Caminhos em linguística aplicada**, UNITAU, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla. Acesso em: 03 maio 2015.

RAMOS, Clélia Regina. Livro didático digital em libras: Uma Proposta de Inclusão para Estudantes Surdos. **Revista virtual de cultura surda**, Centro Virtual de Cultura Surda, Petrópolis, RJ, Arara Azul, n. 11, jul. 2013. Disponível em: <http://editoraararaazul.com.br>. Acesso em: 16 abr. 2015.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. A natureza da tradução. In: SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. UFPE: Recife, 2011. p. 27-72.

SILVA, Jailma M. da. **As funções semântico-discursivas da metáfora conceptual em propagandas veiculadas em outdoors**. Dissertação (mestrado) – 2006. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2006.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

SOBRAL, Adail. **Dizer o mesmo aos outros:** ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book. Service Livraria, 2008.

WEININGER, Markus J. Estrela Guia ou Utopia inalcançável - Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. *In:* CARDOZO, M.; HEIDERMANN, W.; WEININGER, M. **Escola Tradutológica de Leipzig.** Frankfurt. Peter Lang, 2009. p. xix-xxviii.

WILCOX, Phyllis Perrin. **Metaphor in American Sign Language.** Washington, DC: Editora da Gallaudet University, 2000.



CAPÍTULO 3

Tradução em contação de história: cenário, enquadramento e projeto interativo de livro didático para surdos

Marliza Maria Bruch
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

**Tradução em contação de história: cenário,
enquadramento e projeto interativo de livro
didático para surdos**

Marliza Maria Bruch

Introdução

As demandas de materiais didáticos específicos em Libras e traduzidos na educação do sujeito surdo requerem produções audiovisuais e multimodais. É necessário compreender melhor os procedimentos e critérios para a tradução de materiais de Português para Libras, principalmente, de literatura infanto-juvenil. Neste trabalho, pretendemos analisar alguns aspectos da tradução de português para Libras de material multimodal do gênero literário narrativa infantil.

A tradução de materiais didáticos para o ensino de Libras, dentre eles, a narrativa é de suma relevância, e permeado de uma variedade de detalhes na qual há necessidade de uma visão multidisciplinar, pois, estão envolvidas a esfera educacional, linguística, estudos da tradução, psicologia, sociologia e tecnológica, dando assim uma atenção relevante ao indivíduo que realiza a tradução.

Para assumir o papel de tradutor que traduz de Português/ Libras é preciso ter a sensibilidade e competência linguístico/ discursiva tradutória, como Campos (1986) menciona sobre a tradução criativa.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim [...] um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá [...] ampliando e aperfeiçoando [...] (CAMPOS, 1986 apud ALBRES, 2014a, p.394).

Então, o mercado de publicações para fins didáticos na educação de surdos carece de material em uma linguagem menos coloquial, para que as crianças surdas falantes de Libras possam se encantar e imergirem no universo da leitura, como afirma Silva (1998).

Os materiais desenvolvidos em Libras utilizam como suporte material o vídeo, geralmente, composto de diversas possibilidades de cores e formas, onde a imaginação e a criatividade levam os leitores mirins a uma viagem onde encanta e solidifica as experiências vividas por elas (OLIVEIRA, 2010), deve dar-se importância a esse material tão lúdico e riquíssimo em detalhes, pois revela informações importantes ao tradutor (JAKOBSON, 1971).

Diante desse quadro social, desenvolvemos esta pesquisa, pautados em uma abordagem qualitativa e descritiva quanto aos aspectos multimodais e de adaptação de material na tradução. O objeto analisado foi o vídeo do conto “O Gato de Botas”, no livro didático de Libras para crianças surdas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), produzido a fim consolidar da educação bilíngue de surdos.

Para esta pesquisa, delineamos algumas perguntas: Quais são os elementos multimodais que um material deve atender em uma perspectiva pedagógica? Como objetivos específicos, delimitamos: 1)

levantar os elementos multimodais que compõem a tradução do conto “O gato de Botas” e descrever aspectos de editoração da obra.

O texto literário e a tradução de literatura infanto-juvenil

A literatura compreende “obras de ficção e de poesia” e a sua tradução requer a recriação dessas obras literárias em outros idiomas (BRITTO, 2012, p. 160). Souza (2006, p. 52), afirma que “o objetivo final de toda tradução é informar”, independentemente do tipo de texto, podendo haver uma função predominante e ser mais voltada a um perfil mais cultural ou menos cultural, com divergência linguística mais ou menos acentuada.

Barbosa (2004), explica que pode haver uma tradução mais literal ou menos literal, e, de igual modo, podemos ter uma tradução com ênfase na busca pelo sentido, trazendo a tradução livre, por outro lado, em perspectiva bem distinta está a tradução literal que se busca ser fiel ao texto fonte em sua forma e conteúdo. Esse é um dos problemas da tradução.

Optando-se pela tradução pelo sentido, de acordo com Mortatti (2000b), é preciso analisar o

conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudistas: (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

(para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão (MORTATTI, 2000b, p. 31).

De acordo com Silva (1998) os textos literários, são constituídos desenvolvidos de acordo com um determinado tempo histórico, de um determinado povo, em um determinado período de acontecimentos, de uma comunidade social e sua cultura sendo explanada. Dentro do universo da escrita, os textos literários são as mais belas, as mais complexas e as mais rigorosas manifestações da língua escrita, e também com a análise do corpo do texto só pode ser conhecido e admirado na sua magnitude, em todos os seus segredos, mistérios e fascínios, explicando assim a função de textos literários na vida de estudantes, e ele ainda ressalta:

Os textos literários lidos e estudados na disciplina de Português do ensino básico e do ensino secundário devem ser escolhidos tendo em consideração os estádios de desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos, mas devem ser sempre textos de grande qualidade literária (SILVA, 1998, p. 15).

Textos literários são caracterizados pela beleza das formas, pela densidade semântica, pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados. Nos traz uma viagem, como também, nos proporciona emoções, constituem a insubstituível resposta natural ao leitor às representações do mundo e da vida e do homem. Dessa forma, a literatura em Libras voltada para crianças surdas requer a mesma forma material em libras de qualidade estética, visual e linguística.

A literatura infantojuvenil, como fenômeno “literário-cultural-social”, na medida em que se tornou objeto de estudo e de investigação, ao longo do século XX, deu origem a conhecimentos com discursos focados na produção sobre literatura infantil (MORTATTI, 2000b). Moratti (2000a, p. 30), entendendo literatura infantil como:

Conjunto de textos escritos por adultos para serem lidos por crianças e/ou jovens, que constituem um corpus/gênero historicamente oscilante entre o literário e o didático e que foram paulatinamente sendo denominados como “literatura infantil e/ou juvenil”, em razão de certas características do corpus e certos funcionamentos sedimentados historicamente.

Por isso, pela expressão “literatura infantil” também me refiro a esses discursos sobre os livros literários escritos para crianças. Ao considerar os textos sobre literatura infantil como discursos, entendo esse conceito conforme proposto por Bakhtin (2002), como uma enunciação, que se constitui sempre como resposta a outras enunciações, num processo de interação verbal entre diferentes interlocutores, mesmo que essa interação não se dê de forma explícita.

Quando se trata de tradução de livros, o texto-material de partida é multimodal, ou seja, composto de imagens, cores, design além do texto escrito e o texto-material de chegada da tradução, geralmente, é composto por vídeo em Libras e imagens, cores, movimentos de edição do vídeo, configurando além de uma tradução interlíngua (português-Libras), como uma tradução intersemiótica.

A tradução intersemiótica envolve um sistema de signos e outro sistema semiótico que nada mais é que a tradução de diferentes modalidades, indo de artes plásticas e visuais até a linguagem verbal,

dito de outro modo, colocar em letras e versos o que está desenhado e pintado, e cada trabalho tem suas especificidades com elementos diversos (LOTMAN, 1990 *apud* DINIZ, 1998, p. 314), requerendo do tradutor leitura simultânea de imagens e versos, ou seja, de elementos verbais e elementos visuais.

Sabe-se que os cineastas encontraram, na literatura, modelos de construção do enredo, métodos de delinear personagens, modos de apresentar processos de pensamento e meios de lidar com o tempo e o espaço. Foi o próprio Eisenstein que, há 40 anos, afirmou que os romances contêm equivalentes de fades, dissolvências, closeups, métodos de composição e edição (DINIZ, 1998, p. 317).

Sobre tal assunto, podemos elencar vários elementos importantes tais como edição, enquadramentos, interação com o público, expressões corporais e muitos outros itens importantes a serem analisados em uma tradução intersemiótica de livro impresso em português para vídeo em Libras.

Além das imagens visuais, existem outros recursos, especificamente cinematográficos, que são usados na tradução intersemiótica entre qualquer arte e o cinema. Como na representação teatral, também representam sistemas de signos em operação que podem ser agrupados de acordo com algumas variáveis. O primeiro grupo tem relação com o trabalho da câmara. Inclui os planos estáticos (plano de conjunto, plano médio e primeiro plano) e os planos em movimento (plano panorâmico, plano com movimento de câmara e os relacionados à velocidade da filmagem: câmara lenta e plano acelerado). O segundo grupo tem a ver com a

ligação entre os planos: a dissolvência, a fusão de imagens, a tela dividida e o corte seco. O terceiro grupo se relaciona ao sistema de signos da edição. Inclui a montagem e o uso da sucessão rítmica de imagens (DINIZ, 1998, p. 320-321).

Podemos citar exemplos de poemas de dramas para filmes e também textos e livros sendo transformados em peças de teatro. “Todos se equiparando em uma uniformidade de uso, cada qual com sua função, mas nunca se esquecer da cultura existente” (DINIZ, 1998, p. 314) mostrando com detalhamento o que cada coisa, utensílios ou materiais podendo ser dito com elementos não verbais e esse serem descrito em formas de texto e versos. Mais especificamente sobre a tradução de português para Libras, Albres (2014a, p. 389) relata que

tendo a literatura infanto-juvenil a possibilidade de uma quantidade variada de materiais, podendo ser bem diversificada em sua estrutura ou modo de exibição, as traduções desses materiais infanto-juvenis para línguas de sinais se fazem necessários, mais ainda pela tridimensionalidade e esferas digitais onde contribuam para a leitura da expressão em sinais por meio de vídeo.

Nessas condições as crianças como leitoras poderão usufruir desses materiais de leitura, onde também estão inseridas as crianças surdas, sendo leitores da tradução na qual estará em língua de sinais (ALBRES, 2014b).

É importante se ater aos aspectos culturais, isso acontece e influencia o trabalho de tradução, podendo, às vezes, não ser

percebido, mas com uma subjetividade bem discreta para que sejam explicitados aspectos culturais (DINIZ, 1998, p. 324).

Routledge (2010 *apud* LATHEY, 2006) está particularmente preocupado com as transformações na cultura das crianças e como as traduções afetam a representação e socialização das crianças.

Podemos inferir que esse tipo de tradução envolveria adaptações? O conceito de adaptação é bem abrangente e envolve tanto a tradução interlingual como um procedimento técnico da tradução, como um procedimento de edição e projeto de composição de materiais voltados para um público alvo específico, como para crianças. Para Barbosa (2004), na tradução de uma língua para outra a adaptação é “o limite extremo de tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que texto fonte não existe na realidade extralinguística dos falantes do público alvo”. Esta situação pode ser recriada por outra semelhante na realidade extralinguística do texto que será traduzido. (BARBOSA, 2004, p. 77).

Quando a tradução, além de trabalhar com línguas distintas, também trabalha com meios materiais diversos para expressão da informação do texto de partida, alguns autores denominam esse procedimento de adaptação do projeto editorial. Estamos nos referindo à tradução intersemiótica em que a obra é adaptada para o público alvo. Quando se tem, por exemplo, culturas diferentes envolvidas pode-se fazer a adaptação do material, envolvendo o projeto discursivo de forma mais abrangente, para além das línguas envolvidas.

Quando nos deparamos em uma expressão que não existe de forma alguma na língua de chegada, o procedimento a ser adotado é criação

de algo semelhante, mas não igual. A partir do estudo das formas estéticas, não verbais complementando um texto, possibilitando uma vasta possibilidade de compreensão do público alvo, aguçando o raciocínio do leitor a perceber todos os detalhes (BLUESTONE, 2003).

Para Macfarlane (1996 *apud* AMORIM, 2013, p. 18), a adaptação interlingual poderá ser realizada quando o material for muito denso, com expressões não condizentes para o nível de conhecimento infantil, pode-se diminuir essa densidade ou até simplificar o texto, traduzindo assim para as crianças com o material adaptado. Seria uma adaptação da linguagem, se atentando as expressões e palavras muito rebuscadas, com um grau de difícil compressão.

Nos passa como o conceito de uma visão diferente da adaptação, às possibilidades infinitas de disseminação geradas por todas as práticas discursiva de uma cultura, ou seja, à matriz comunicativa de enunciados dentro dos quais o texto artístico é situado e que o alcança não somente por meio de influências perceptíveis na corrente teórica “[...] disseminação discursiva e sobre outro prisma, o foco dos estudos da Teoria da adaptação” (MACFARLANE, 1996 *apud* AMORIM, 2013, p. 18).

Dessa forma, qualquer material pode ser adaptado, de um texto para um filme, ou ainda de um livro para uma série televisiva, ou ainda pode se ainda adaptar imagens em versos, há infinitas possibilidades com o uso da tradução. O processo de adaptação literária como forma de produção de literatura infantil pode ser desenvolvido em: (1) aqueles que podem ser facilmente transferidos ou traduzidos do texto verbal para o cinematográfico por meio de um processo de transferência; e (2) aqueles que dependem de maior criatividade,

exigindo mais do tradutor, configurando-se como um processo de adaptação (MACFARLANE, 1996 *apud* AMORIM, 2013, p. 19).

A adaptação de um livro para cinema ou teatro envolve escolhas por parte dos adaptadores através das quais certos aspectos do texto de partida são transferidos, transformados ou reescritos, e outros aspectos são criados, não só em decorrência de exigências das convenções de cada mídia, mas também devido ao olhar próprio de cada artista. No caso do teatro e do cinema, vários talentos trabalham juntos na criação da obra: atores, diretores, cenógrafos, roteiristas, dramaturgos, iluminadores, entre outros. Este tipo de relação intermediária, a adaptação, geralmente implica uma transposição intersemiótica que não é completa nem pura, mas, sim, híbrida. (AMORIM, 2013, p. 28).

Consideramos que o tradutor intérprete de Libras e Português quando trabalha com um projeto de tradução para produção de vídeo e materiais didáticos precisa participar de todo o projeto de elaboração da tradução, contribuindo para a criação e adaptação da obra do texto (livro) para o vídeo.

Metodologia

Esta pesquisa está inscrita em abordagem qualitativa prioritariamente. Assim, com o aprofundamento da compreensão do grupo social de surdos e tradutores de Libras-português, de aspectos sociais e culturais do processo de tradução de material didático. A partir do material traduzido foi possível indicar uma organização com

representatividade numérica, mas sem o intuito de desenvolver um estudo estatístico.

A abordagem qualitativa é compreendida como fonte natural direta de dados e ao pesquisador como principal instrumento, dos dados coletados são descritivos dando uma importância acentuada no processo de pesquisa não se atentando ao produto final, com uma atenção a perspectiva dos participantes e suas percepções e com a análise dos dados em um processo intuitivo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Desenvolvemos uma pesquisa com base em abordagem qualitativa, abordando alguns aspectos da perspectiva quantitativa.

Os métodos quantitativos na linguística de corpus variam amplamente, e podem ir de simples contagens de frequência a cálculos simples, mas poderosos (relação tipo-token, densidade lexical), a técnicas estatísticas complexas incluindo testes de significância. Existem diferentes visões sobre a utilidade e confiabilidade dos testes de significância na linguística de corpus. Muitos linguistas destacam a necessidade de demonstrar que quaisquer diferenças ou semelhanças reveladas não são devidas ao acaso, especialmente porque os procedimentos de amostragem nem sempre garantem representatividade, e alguns argumentam que os linguistas deveriam “aumentar coletivamente o nível de sofisticação estatística de nossas análises” (Gries, online) (SALDANHA, 2009, s.p.)

Com o intuito de responder à pergunta: Quais são os elementos que compõem a tradução de um conto infantil para fins pedagógicos?

Optamos por utilizar o método de estudo de caso desenvolvendo uma pesquisa descritivo-analítica.

O “estudo de caso” tem como característica a investigação de “um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes” (YIN, 2015, p. 2).

Stake (1978, *apud* ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 642) indica que em estudos de caso se registra algo de original em decorrência de um ou mais dos “seguintes aspectos: a) natureza do caso; b) histórico do caso; c) contexto (físico, econômico, político, legal, estético etc.) e; d) outros casos pelos quais é reconhecido; e. os informantes pelos quais pode ser conhecido”. Complementa que, pela especificidade é necessário um bom trabalho descritivo do contexto histórico do caso. Referindo-se aos cenários do estudo de caso, citamos:

Portanto, o estudo de caso pertence ao grupo de métodos qualitativos de pesquisa descritos no Capítulo 2 [referente ao livro citado] que podem contribuir ao conhecimento além do particular em três cenários diferentes: (1) em explorar questões de como e porque, (2) para a geração de hipóteses (em oposição à hipótese testes) e (3) para testar a viabilidade de um quadro teórico (SALDANHA; O'BRIEN, 2014, p. 209).

A partir de um caso, pode-se registrar aspectos relevantes sobre a tradução e gerar generalizações.

O material base para a análise foi composto de tradução publicada em Livro de ensino de Libras para crianças surdas. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo produziu um material didático para ensino de Libras a fim de consolidar da Educação

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Bilíngue de surdos. O material didático de Libras para os primeiros anos Ensino Fundamental é composto por livro para aluno e livro do professor, acompanhados de DVD com as atividades em Libras.



Figura 1: Livros do material didático SME-SP

Fonte: <https://goo.gl/images/7ug3FX>. Acesso em: 20 nov de 2017,
Fonte: SÃO PAULO – SME. 2014

Cada ano letivo é composto por textos em Libras de diferentes gêneros discursivos, como: receitas, listas, músicas, contos, entre outros. Dentre as histórias apresentadas no material.

Tradução de português para a Libras



Figura 2: Capa do livro
(texto de partida)

Fonte: <https://www.travessa.com.br/os-mais-belos-contos-de-perrault/artigo/522237fb-0f31-4d21-8d77-deb346caf9ad>



Figura 3: Vídeo com a tradução da história
(texto traduzido)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WSyzUIOYudI>
SÃO PAULO – SME (2014)

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Selecionamos o conto “O Gato de Botas” referente ao livro de Libras do 5º ano do ensino fundamental, especificamente a Atividade 8 - O gato de botas. Conforme informações contidas no material, os tradutores produziram a enunciação em Libras traduzindo o Conto “O gato de Botas” do livro *Os mais belos contos de Perrault*, de Mazili e Bernatene, publicado pela Ciranda Cultural em 2008. Dessa forma, este foi o texto de partida para a tradução.

Traçamos como objetivo geral desta pesquisa “apresentar um estudo sobre a tradução do conto “O Gato de Botas” do caderno de apoio e aprendizado de Libras do 5º ano da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - SMESP”.

Cenário, enquadramento do vídeo e projeto interativo de livro didático

Cenário

Estamos chamando de cenário o conjunto de elementos visuais que compõem a cena do vídeo. Identificamos que o cenário é um quarto em que estão dispostos:

a) Móveis: uma cama branca de ferro tubular, uma poltrona de madeira preta com estilo moderno com seu com acento branco e um criado mudo branco;

b) Objetos: temos um abajur sobre o criado mudo, um travesseiro e um colchão que está posto na cama e temos também um cobertor dobrado sobre a cama. Sobre a poltrona temos uma manta dobrada e uma almofada cereja;

c) Adereços: Temos dois adereços colocados na parede em forma geométrica um círculo e um triângulo, temos também uma janela;

d) Efeitos de luz: o efeito de luz é de cima para baixo sem movimentação.

Este cenário compõe o material multimodal. Então, a construção de sentido que se pretende desenvolver no leitor é de um lugar aconchegante pela parede do fundo em tons de amarelo fechado, e o chão puxando para um mostarda queimado. Os adereços do quarto em tons de rosa mesclando até a cor cereja, sendo este um quarto de criança, feito para poder descansar e ficar à-vontade. Na parede ao lado tem uma janela um pouco fora do esquadro, com moldura cor de café com vidros em tom de azul celeste e com alguns adereços colocados na parede em formas geométricas.

Na parede está pendurada uma flamula de cor forte cereja, na qual nos remete a um time ou agremiação, é um enfeite menor estreito e termina com uma ponta, mas representa a bandeira de um determinado grupo. Ao seu lado tem um círculo em cor roxa.

Há também uma poltrona com uma manta em seu encosto, ela nos remete a uma presença de pessoas que cuida, tenho a impressão de ser uma poltrona de leitura onde geralmente os pais param para terem momentos de intimidade com seus filhos, como também uma mesa de cabeceira branca com um abajur, a mesinha com um estilo mais romântico e graciosa, mas a cama de ferro branca tubular mostra a modernidade com um toque sutil de romantismo combinando completamente com o jogo de lençol florido. No projeto de edição usaram o croma e depois na edição que foi projetado esses elementos.

Enquadramento do vídeo

Desenvolvemos uma descrição por tempo destinada a cada tipo de enquadramento. O enquadramento do vídeo se dá por diferentes planos. Vai desde a captação inteira com o plano Aberto mostrando desde o pé do sujeito, em outros momentos com o plano Médio, chegando ao close. A partir do levantamento do tempo de enquadramento, obtivemos as seguintes informações: foram utilizadas somente duas posições de enquadramento alternando entre os planos: Aberto e Médio, com a troca de quinze vezes de cada enquadramento. Foi iniciado o vídeo da tradução com o enquadramento Aberto e finalizado com o enquadramento Médio.

Esse enquadramento Médio é alternado entre o tradutor e a menina. Constatamos que o foco foi mudado somente duas vezes para a criança, na qual está deitada, e o restante do vídeo somente dado o foco no personagem adulto, o tradutor. Com o auxílio da edição percebemos que foram mudados o foco e o posicionamento da câmera para poder focalizar as expressões da menina e suas reações.

Com a edição do vídeo podemos ver que nos momentos onde foi usado o enquadramento Médio foi dado uma ênfase nas expressões não manuais, e também foi nesses momentos que foram feitos os classificadores e as soletrações dos nomes e palavras, se deram nos dois enquadramentos. Mostra também no enquadramento Médio a reação da menina, na qual se espanta e fica satisfeita no final da contação da história. A utilização de um único enquadramento torna o vídeo cansativo e não dá destaque a aspectos importantes da sinalização em Libras.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Constatamos que em nenhum momento foi utilizados planos mais próximos, como Primeiro Plano. Consideramos que poderia ser usado esse enquadramento quando tivesse a soletração manual, por exemplo, no nome da história é soletrado, o momento que o tradutor faz o nome do personagem também é feito a soletração. Visto que a leitura ficou bastante dificultada, e também poderia ter havido uma segunda câmera com o ângulo frontal e o enquadramento somente do tradutor e de frente para que pudesse ser possível a leitura da soletração das palavras que ele realizou no transcorrer da história.

Podemos perceber com estudo desse material, que seria possível ter outras alturas de ângulos para que a tradução fosse melhor compreendida, se tornasse mais interessante a atuação do tradutor, poderíamos então perceber com maior clareza as escolhas tradutórias feita por ele. Em alguns momentos o tradutor incorpora os personagens e a diferença de tamanho, no momento em que o gigante se torna um ratinho minúsculo (7:23 min do vídeo). Poderia ter sido usado os outros ângulos para essa tradução.

Interação tradutor/menina

No que diz respeito à interação do tradutor com a menina, (representando o público alvo do material), não apresentou uma interação similar à natural, pois em se tratando de uma contação de história, deveria ter tido uma interação maior, com respostas, entre o tradutor/contador e a garota (que está recebendo a tradução).

A menina poderia ter tido algumas reações esperadas, tais como: mais expressões faciais, reações corporais como susto, espanto, medo,

até mesmo com perguntas e intervenções para possíveis questionamentos ou até com possíveis dúvidas geradas, que poderiam ter acontecido no transcorrer da história, pois percebemos que o tradutor se apoderou de várias estratégias, usando o espaço em frente de seu corpo, para a colocação dos personagens da história e com desenvoltura ele, o tradutor, utilizou de algumas estratégias, de incorporar os personagens, muitas vezes descrevendo com detalhes minuciosos como, por exemplo: no momento que ele descreve o gigante. O tradutor materializa e personifica os personagens, sendo detalhista em descrever até mesmo o som dos passos do gigante, onde afirma Plaza (2003), que se faz necessário essa leitura com detalhamento dos signos não verbais, pois enriquece e embelezam a história.

Nesse trabalho, identificamos que a menina que fazia o papel da interlocutora reagiu quatro vezes, computando no tempo do vídeo em sete segundos. Isso evidencia uma pequena participação, podemos inferir que não retrata a realidade de uma criança ativa e interagindo com quem a conta a história.

Quanto mais se ressalta este papel de leitura silenciosa, mais se molda o comportamento de interlocutor que tem uma ação passiva. Ao contrário do que se acredita, os contextos de diálogo proporcionam uma atividade conflituosa de busca pela palavra, pela tomada do turno ou da sobreposição de falas, ou seja, ao mesmo tempo em que o emissor enuncia em Libras o interlocutor pode concordar, perguntar, comentar e ter as mais diversas reações tensa e interruptamente entre si.

O diálogo constitui uma das formas primordiais de interação, mas ele deve ser compreendido em uma concepção mais ampla, que engloba toda a comunicação verbal de qualquer tipo. É importante termos em mente que, para Bakhtin (2003), a palavra é ideológica por natureza e comporta nossas avaliações, de forma que a interação é um evento dinâmico. A interação é, portanto, o diálogo ininterrupto que resulta desse confronto e que constitui a natureza da linguagem.

A adaptação de um livro para a tela, sendo ela vídeo a ser disponibilizado em CD e em suporte midiático, como redes sociais envolve “escolhas por parte dos adaptadores através das quais certos aspectos do texto de partida são transferidos, transformados ou reescritos, e outros aspectos são criados” (AMORIM, 2013, p. 28).

Descrevemos o cenário criado (quarto), personagens desenvolvidos, sendo o tradutor da história e uma menina a sua interlocutora, construindo um diálogo em potencial, algo recorrente para o vídeo em libras.

A produção desse material envolveu equipe de profissionais de diferentes áreas, equipe pedagógica para construção do livro de libras, tradutores surdos e ouvinte atuando como atores dos vídeos, diretores, operador de câmera, roteiristas, iluminadores, entre outros. “Este tipo de relação intermediária, a adaptação, geralmente implica uma transposição intersemiótica que não é completa nem pura, mas, sim, híbrida” (AMORIM 2013, p. 28).

Ao final dessa etapa, conclui-se que foram ressaltados aspectos relevantes para a tradução intersemiótica, destacando elementos do teatro e cinematográfico estudados, com especial atenção aos aspectos semióticos que informaram as soluções aos problemas de tradução

desenvolvidas pelo tradutor e pela equipe de produção do material visual em Libras.

Analizamos também os tipos de enquadramentos, relatando alguns passos dos movimentos das cenas e porquê foram utilizados pelo tradutor nesses momentos específicos relacionando à reação da menina.

Conclusão

Neste trabalho, traçamos como objetivo analisar aspectos multimodais e de adaptações de materiais que foram utilizados na tradução do gênero literário “Conto”, como também descrever escolhas tradutórias de material pedagógico para o ensino de Libras.

Nos elementos de cenário e enquadramento, identificamos mais aspectos relacionados à produção do vídeo e anexamos assim esses resultados positivos e também resultados negativos que foram analisados e encontrados. Quanto ao aspecto de “Interação tradutor/menina” discutimos que a interação deveria ser quase natural ou similar ao natural, pois foi escolhido a não utilização da janela de libras, pois em se tratando de uma contação de história, deveria ter tido uma interação maior, mas, faltou essa dinâmica com a menina, onde ela, com poucas respostas de reação, nos dá esses resultados, entre o tradutor/contador e a garota.

Com a análise, apresentada neste trabalho, percebemos que temos muitos elementos multimodais que contribuem para que a tradução, seja melhor assimilada pelo público alvo, que irá receber o material traduzido.

O campo dos Estudos da Tradução das Línguas de Sinais tem evidenciado a diversidade das várias vertentes defendidas pelos pesquisadores da área, como: Souza (2006) ao conceber a tradução como transferência de ideias de uma língua-cultura para outra, por sua vez, Barbosa (2004) explica que pode haver uma tradução mais literal ou menos literal e de igual modo podemos ter uma tradução com uma ênfase mais na busca de sentido, Silva (1998) indica ainda que os textos literários são desenvolvidos de acordo com um determinado tempo histórico, de um determinado povo, em um determinado período de acontecimentos, de uma comunidade social e sua cultura.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. Rev. bras. Linguística. Aplicada.** 2014a, v. 14, n.4, p. 1151-1172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/2014nahead/aop6014.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2015. Acesso em: 09 set. 2017.

ALBRES, Neiva de Aquino. **O espaço do tradutor em material bilíngue (vídeo livro): uma análise verbo-visual.** In: Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Eixo temático Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais. Florianópolis - SC: UFSC. 12 a 14 de novembro de 2014b. Disponível

em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2014.html>. Acesso em: 10 dez. 2017.

AMORIM, Marcel Álvaro de. **Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural**: estado da arte e perspectivas futuras. Itinerários, n.36, p.15-33, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/5652/4716>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BAKHTIN, Mikhail (V.N . VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec, São Paulo, 2003.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução**. Uma nova proposta. 2. ed. Pontes 2004, Campinas SP.

BLUESTONE, G. **Novels into film**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University, 2003.

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 160p. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p464>. Acesso em: 18 jan. 2018.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Tradução Intersemiótica**: do texto para a tela. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 313-338, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/4934>. Acesso em: 24 abr. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Série de educação a Distância (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) Plageder, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 24. ed. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Escola de Comunicações e Artes, São Paulo: Cultrix, [1971] 2007.

LATHEY, Gillian. Introduction. In: LATHEY, Gillian (ed.). **The Translation of Children's Literature - A Reader**. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, 2006. p. 1-12.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, ALB, v. 19, n. 36, p. 11-17, dez. 2000a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilhas de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 52, p. 41-55, nov. 2000b.

SALDANHA, Gabriela. Principles of corpus linguistics and their application to translation studies research. **Revista Tradumática: corpus linguistic**. v. 7. 2009. Disponível em: <http://webs2002.uab.es/tradumatica/revista/num7/articles/01/art.htm>. Acesso em: 08 jan. 2018.

SALDANHA, Gabriela, O'BRIEN, Sharon. **Research methodologies in translation studies**. University of Birmingham; Routledge: New York, 2014. Disponível em: <https://journals.equinoxpub.com/index.php/JRDS/article/view/30024>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SILVA, Daniela Teixeira Leite da. Multimodalidade nos cadernos de Língua Portuguesa da rede pública do Estado de São Paulo: uma proposta de multiletramento. **Revista Intercâmbio**, v. XXXII: 48-65, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. 1998

SILVA, Vítor Aguiar e. **Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português**. Universidade do Minho 1998. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/diacritica13->

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

14.pdf#page=23<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6714/2/Rebeca%20Socorro%20>. Acesso em: 29 jan. 2018.

SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de Tradução para a Língua Brasileira de sinais observadas no curso de Letras- Libras.**

Florianópolis SC 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/discover?scope=%2F&query=123456789%2F94642%2F28&submit=Ir>. Acesso em: 13 mai. 2018.

STAKE. R. E. The Case study method in social inquiry. **Educational Researcher**, v.7, n.2, p.5-8, 1978.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** Tradução, Cristhian Matheus Herrera. Bookman editora, 2015. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/136315/Poster_41141.pdf?sequence=2. Acesso em: 10 mar. 2018.



CAPÍTULO 4

Processo de pesquisa de um tradutor: diário como ferramenta de trabalho com literatura infantil

Tailana Maria Tiepo Dariff
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Processo de pesquisa de um tradutor: diário como ferramenta de trabalho com literatura infantil

Tailana Maria Tiepo Dariff

Introdução

O processo de tradução e os aspectos subjetivos das escolhas dos tradutores de Libras/Língua Portuguesa em sua tarefa é algo pouco estudado. Desta forma, pretende-se apresentar uma proposta de registro do processo com o uso de diário de tradução com o intuito de possibilitar e orientar pesquisadores e tradutores.

O presente trabalho visa abordar questões acerca de anotações realizadas em um diário de tradução referente à tradução para a Libras do livro infanto-juvenil “O homem que amava caixas” do autor Stephen Michael King da editora Brinquebook. Contêm no diário, anotações sobre o decorrer do processo de cada página do livro, desde pesquisas à consulta de pessoas falantes da língua, dúvidas que surgiram, estratégias, entre outros elementos onde a tradutora busca trazer para este trabalho algumas questões mais relevantes a fim de discorrer de forma mais abrangente.

Tendo como base para o desenvolvimento mais aprofundado da pesquisa, apresentamos autores como Sobral (2008, 2010) que discorre acerca da singularidade de cada tradutor, Silva (2011) que argumenta sobre o papel do tradutor na construção de sentido, Galindo (2005) que apresenta alguns elementos que devem ser levados em

conta no momento da criação do diário de tradução, principalmente o pensamento complexo.

Desta forma, buscamos estudar aspectos da dinâmica do processo de tradução, registrando os elementos envolvidos no momento de tomada de decisão do tradutor. A pesquisadora objetiva levantar contribuições provenientes do conhecimento linguístico, discursivo e social para a tomada de decisão na tradução; discutir elementos que levam a tradutora a desenvolver a revisão do texto; analisar a natureza do processo de tradução que culmina como produto final (a tradução); contribuir com a área da tradução relatando sobre o processo da tradução e; construir indicações para a elaboração de um modelo de diário que envolva a língua de sinais e também textos multimodais.

As perguntas que conduziram esse trabalho, foram: O diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor? Como o diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução? Quais elementos devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução de livro multimodal para a Libras?

Tradução como processo e o tradutor como leitor

Estudos descritivos orientados para o processo da tradução baseiam-se na “psicologia da tradução, a tentativa de descobrir o que ocorre na mente do tradutor durante a realização do seu trabalho” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p. 29). Trataremos neste tópico questões acerca do sujeito tradutor no papel de leitor. Levando em conta que isso demanda dele um processamento cognitivo, pois como

sua área de atuação que esta atividade requer pode-se dizer que ele tem uma visão mais detalhada sobre o texto lido. O tradutor constrói sentidos a partir de informações que, muitas vezes, não estão explícitas. Compreende conceitos que vão além das palavras postas nos textos, consegue identificar marcas daquela cultura, de forma que isso implica no momento em que o sujeito irá realizar sua tradução, conforme Silva (2011, p. 12) sugere que “existe a voz do tradutor no texto traduzido”.

É fundamental para o sujeito tradutor “desenvolver uma série de capacidades e habilidades, de cunho teórico e prático” (SOBRAL, 2008, p. 93) para sua área de atuação. O tradutor precisa estar em constante contato com a(s) cultura(s) que envolvem sua função para que esteja sempre atualizando-se e buscando aprimorar seu desempenho como tradutor.

Na tentativa de registrar o processo de tradução, Alves (2001) em conjunto com outros pesquisadores desenvolveu a “triangulação” no processo de pesquisa, defende a aplicação conjunta de diferentes métodos advindos das ciências sociais, como protocolos verbais, retrospectão, questionários e entrevistas dirigidas, captura de vídeo, julgamentos de especialistas e uso de softwares para registro das alterações produzidas nos textos escritos traduzidos.

A técnica de triangulação apresenta-se, pois, como uma alternativa metodológica para pesquisas empíricoexperimentais em tradução que almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva. Procura-se, desta forma, identificar convergências e divergências nas análises de natureza quantitativa e

qualitativa e, por meio do cruzamento dos dados alcançados por intermédio de abordagens metodológicas múltiplas, chegar a resultados mais confiáveis, mais generalizáveis e, por conseguinte, “com maiores condições de contribuir para elucidar questões cruciais para os Estudos da Tradução” (ALVES, 2001, p. 72).

Como indicado nos mapeamentos, a abordagem conhecida como *Descriptive Translation Studies* — DTS (Estudos Descritivos da Tradução) envolve a investigação da influência da cultura na tradução, sua dinâmica, sua história, os processos cognitivos, subjetivos e afetivos responsáveis pela construção de sentido e produção da tradução como produto, como também as estratégias, os objetivos e aspectos contextuais que os geram. Uma das formas de registrar esse processo se dá pelo uso de protocolos verbais, pelo estudo das notas dos tradutores, ou pela produção de diário de tradução. Para este capítulo, vamos nos aprofundar nos estudos sobre o diário de tradução. Na sessão seguinte, apresentaremos o conceito.

Diários de tradução

Entende-se o diário de tradução como uma ferramenta de registro de processo. Acredita-se que esta é uma boa opção para armazenamento de informações sobre o processo de tradução, tendo em vista que o sujeito tradutor irá inserir todas suas dúvidas, ideias, críticas, escolhas, estratégias entre outros sobre o material (a ser) traduzido. Desta forma, tendo a possibilidade de, futuramente, retomar as suas anotações e, até mesmo, comparar, refletir e aprimorar suas escolhas. É possível ainda registrar e tomar consciência de aspectos da

dinâmica do processo de tradução, observando a natureza dos elementos que interagem no momento da tomada de decisão do tradutor e na reestruturação que o texto traduzido sofre por diferentes visões e complementações. Torres (2014) explica que:

imagino que o objetivo de um diário de tradução seja que o aluno reflita sobre seu trabalho, avaliando detalhadamente seu processo de tradução, observando os comentários do professor e colegas, analisando a qualidade da sua tradução, destacando pontos fortes e fracos, desafios e maneiras de usá-los para melhorar. Deste modo, o aluno-tradutor-aprendiz poderá apoiar seu julgamento em exemplos concretos e demonstrar uma avaliação de qualidade e ponderações cuidadosas (TORRES, 2014, p. 298).

Vale apresentar os conceitos de tradução comentada e tradução anotada a fim de percebermos o que os distingue. Segundo Soto (2017):

Os conceitos analíticos podem ser usados por tradutores para a tomada de decisão sobre a anotação de traduções, sempre e quando a estratégia tradutória traçada não descarte por princípio as N.T. [notas de tradução] [...] Penso que na produção de traduções anotadas interessa mais lançar mão do conhecimento acumulado sobre N.T. com a finalidade de definir critérios de anotação, o que é essencialmente diferente do intuito crítico perseguido pelo método de análise (SOTO, 2017, p. 24).

Dessa forma, as notas de tradução são registros do tradutor sobre suas escolhas para esclarecer ao leitor algum aspecto cultural ou

contextual da obra de partida. As notas do tradutor são apresentadas no livro traduzido, geralmente, na mesma página de onde estiver o conceito ou termo a ser explicado.

Por sua vez, a tradução anotada é usada similarmente à tradução comentada, em que o cientista da linguagem, um pesquisador desenvolve uma tradução anota dos processos cognitivos e contextuais de sua produção tradutória. Entende-se por tradução anotada, conforme Soto (2017), o registro da perspectiva do tradutor, podendo ser também apresentada como um prefácio ou posfácio e complementada nas notas no decorrer da obra, “sendo o prefácio uma espécie de nota aposta ao conjunto do texto, e não a um segmento particular dele” (SOTO 2017, p. 27-28).

Para compor essa problematização, apresentamos a perspectiva de Mittmann sobre a tradução anotada, a partir da releitura de Soto.

[...] Mittmann não considera a pesquisa das notas um fim em si mesmo, ou uma pesquisa sobre a tradução anotada, e sim, mais exatamente, um meio para identificar e compreender, através dos sinais presentes no discurso do autor nas N.T., situações enfrentadas pelo tradutor durante o processo (SOTO, 2017, p. 67)

Por sua vez, o conceito de tradução comentada envolve os seguintes aspectos, como afirmam Zavaglia, Renard e Janczur (2015):

uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico reside no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos

cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. Do mesmo modo, a forma de uma tradução comentada seria aquela em que o tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. Mais que isso, a função da tradução comentada seria, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 349).

Dessa forma, o diário de tradução está relacionado ao registro do processo para o próprio tradutor. As notas de tradução teriam como destinatário o leitor da tradução, a tradução comentada pode ser desenvolvida como uma metodologia de pesquisa nos Estudos da Tradução. Assim, na literatura se indica o diário de tradução como um instrumento metodológico, como instrumento de ensino de literatura e como material para o ensino de tradução.

Metodologia

Utilizamos a metodologia de pesquisa descritivo-analítica de estudo de caso. O estudo de caso é considerado uma modalidade de pesquisa que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54). O intuito do estudo de caso objetiva-se em realizar pesquisas sobre experimentos, levantamentos, pesquisas históricas etc.

O método de pesquisa será um estudo de caso sobre esse material traduzido na qual será analisado partes da tradução para que se possa responder as perguntas centrais dessa pesquisa de forma analítica. Entende-se por Estudos Descritivos em Estudos da Tradução, segundo Magalhães e Pagano (2001):

[...] o ramo da disciplina que deve fornecer uma metodologia coerente e procedimentos explícitos de pesquisa de forma a permitir que os resultados de estudos descritivos individuais sejam expressos em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório (MAGALHÃES; PAGANO, 2001, p. 97).

Dessa forma, estudos linguísticos que tenham como objeto de pesquisa a tradução e a meta-reflexão do próprio tradutor passam a ser de interesse da ciência, conforme argumentam Magalhães e Pagano (2001). Tendo em vista uma noção do que se trata um estudo de caso, a seguir apresentaremos os objetivos que estimularam a pesquisa do presente trabalho.

Selecionamos um livro de literatura infanto-juvenil com ilustrações, escrito e ilustrado pelo autor Stephen Michael King.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Figura 3: Capa do livro

Fonte da imagem: <https://www.brinquebook.com.br/brinque-book/livro-o-homem-que-amava-caixas>

KING, Stephen Michael. O homem que amava caixas. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

Para seleção do material, definimos como critérios:

- 1) Livro de literatura infanto-juvenil
- 2) Livro publicado em português
- 3) Livro multimodal (livro com texto, ilustrações e diagramação específica).
- 4) Qualidade de publicação (editora)

Outro aspecto para a escolha do livro refere-se ao autor Stephen Michael King, que é surdo e ilustrador da própria obra. Suas obras apresentam muitos elementos visuais, que se contextualizam com o texto e, particularmente, a cada retomada à obra é possível perceber algo novo e/ou ter outra impressão diferente. Vale ressaltar que o livro já foi publicado com uma tradução para a Libras, mas preferimos que a tradutora não tivesse acesso a tradução para não ser influenciada e, também, para vivenciar a tradução desde o início.

Diário de tradução: análise do processo de pesquisa

Na construção do diário de tradução, fomos registrando o processo de desenvolvimento da tradução. Em diferentes momentos, o tradutor desenvolveu pesquisas na internet para a produção da própria tradução, como apresentado nos excertos abaixo.

A fim de compreender melhor a história e seu propósito busquei na página da própria editora uma sinopse (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p.2).

Pesquisamos sobre o conteúdo do livro, tendo como base a própria editora. Tivemos acesso a seguinte sinopse do livro: “O Homem que Amava Caixas conta a história de um homem que era apaixonado por caixas e por seu filho. O único problema é que, como muitos pais, ele não sabia como dizer ao filho que o amava” (BRINQUEBOOK, 2018, sp.)

No site também tinha um vídeo com a história apresentada por um contador de história. Tendo como base a oralidade, a narrativa foi adaptada envolvendo música, vídeo, oralidade, e o encantamento a partir de uma entonação específica para chamar a atenção da audiência tendo como pano de fundo um som de violão. Ao assistir ao vídeo nos envolvemos um pouco mais com a história.

Pesquisei para que línguas o livro já foi traduzido (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 7)

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Esse tipo de pesquisa situa o tradutor do contexto global da obra, sendo publicado em seis países, sendo eles: Brasil, China, França, Alemanha, Coréia, Reino Unido e Estados Unidos. Apesar do livro já ter sido traduzido para a Libras, no site da própria editora não há essa informação e a possibilidade de compra do DVD traduzido para Libras é mencionado no Buscapé (site de compra), contudo está indisponível. Descobrimos que o livro em Libras está esgotado. Entretanto, a pesquisa continuou, visto que na primeira página do livro nos deparamos com “Era uma vez”.

Já de início, na expressão era uma vez, lembro-me vagamente de ter visto na disciplina de tradução de literatura infanto-juvenil, contudo não sei ao certo. Então, precisei pesquisar no Google, ou melhor, em alguma tradução já feita para verificar quais foram as escolhas tradutórias de outros tradutores. Pesquisei com as seguintes palavras – tradução, literatura, libras e Youtube (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 4).

[...]

Então, eu tenho 4 versões de tradução para essa expressão e todas diferente, com alguma variação fonológica ou composição. Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo muito passado, então prefiro fazer PASSADO com uma mão. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5).

No processo de tradução, a tradutora relatou em seu diário a necessidade de busca por uma expressão específica de introdução de histórias, o que podemos identificar como expressão técnica. Conforme

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

o diário, ela encontrou quatro diferentes formas de enunciar “Era uma vez”, são elas:

Figura 2: Título: Hora do Conto – Rapunzel (Libras) – TV UFG - Tradutora: Mariá de Rezende Araújo



Hora do Conto - Rapunzel (Libras)

Frase: Era uma vez / **Tradução:** TER PASSADO

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8&t=150s>

Figura 3: Título: Histórias em Libras – Os três porquinhos – TV CES – Tradutor: Fábio de Sá



Histórias em Libras - Os três porquinhos

Frase: Era uma vez / **Tradução:** APONTAR CASA

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mgSIYg-Astg>

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Figura 4: Título: A menina que não gostava de ler em LIBRAS – Secretaria de Cultura da Bahia - Tradutor: Ednilson Macêdo da Silva



Frase: Era uma vez / **Tradução:** PASSADO (com uma mão)
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qjp-aE-okFA>

Figura 5: Título: Chapeuzinho vermelho em Libras – INES – Tradutora: Heloísa Grip



Frase: Era uma vez / **Tradução:** PASSADO (com duas mãos)
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8&t=151s>>

Feita a pesquisa, a tradutora identificou a possibilidade de expressão com **uma mão**, com **duas mãos**, **TER PASSADO** e **não apresentar nenhuma expressão** relacionada a essa introdução. Apesar de ter as diversas possibilidades, a tradutora se posiciona *“Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo*

muito passado, então prefiro fazer PASSADO com uma mão. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5)”. Assim, evidencia a escolha própria do termo que vai enunciar em sua tradução.

O tradutor é um profissional cujo ofício envolve reconstruir a situação enunciativa original na situação enunciativa-alvo, percebendo assim suas convergências e divergências, um profissional que, sem alterar o sentido do original – exceto no que há de inevitavelmente “outro” em qualquer “leitura”, tradutória ou não -, tem a função de criar sentidos “assemelhados” na língua-alvo. O tradutor é um generalista, um pesquisador de tudo, um eterno curioso por força de sua atividade, um profissional da intertextualidade, um especialista na identificação dos diálogos que os autores estão travando o tempo inteiro, muitíssimas vezes sem ter plena consciência disso, e que ele tem por obrigação manter dentro do humanamente possível. (SOBRAL, 2008, p. 99-100, aspas do autor).

Conforme o autor, no processo há uma busca por reconstruir a situação enunciativa. Essa escolha também está baseada em um conhecimento linguístico. A tradutora explicita no diário “*Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo muito passado (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5)*”, fica evidente sua formação em linguística, pois é comum o fenômeno de intensificação, ou pelo uso de duas mãos ou pela repetição, ou intensidade do sinal.

Com base no diário de tradução foi possível identificar as preocupações com o sentido do texto, se a um passado recente ou a um passado muito distante quando do uso de duas ou uma mão.

Xavier e Barbosa (2013) evidenciaram que a realização, com duas mãos, de alguns sinais da

libras normalmente feitos com uma pode ser motivada por fatores de natureza semântica. Os autores citam entre esses fatores a expressão de pluralidade, aspecto ou intensidade. Os autores apontam ainda que é possível que um mesmo sinal sofra alteração em seu número de mãos em função de diferentes fatores, a depender do contexto de uso. Segundo eles, um determinado sinal, tipicamente feito com uma mão, teoricamente poderia ser realizado com duas para expressar, por exemplo, pluralidade em um caso e intensidade em outro (XAVIER, 2014, p. 47).

Além da pesquisa em vídeos de histórias, narrativas, contos, ou seja, de textos em Libras com gênero discursivo similar, a tradutora registra no diário a busca de opinião de pessoas que conhecem e usam a Libras.

Para esta página eu estava com um colega ao lado e questionei-o de como ele realizaria a tradução desta sentença. A partir da sinalização dele e de alguns elementos que eu julguei interessante na minha construção para a Libras apresento a glosa (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 23).

Outra importante forma de pesquisa está relacionada à consulta de profissionais da área ou o próprio público alvo do material como falantes nativos da língua para a qual está sendo tradução. A tradutora relatou a contribuição de um colega tradutor/intérprete de Libras/português ouvinte que ajudou a expressar alguns elementos, principalmente para situar os personagens lado a lado e em interação.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Depois, relendo a tradução, não fiquei satisfeita com a produção em sinais relacionada à ilustração do livro. Visto que, na imagem o menino está sobre os ombros do pai. Então, buscamos a consulta a falantes nativos de libras, principalmente surdos adultos bilíngues (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 24).

A tradutora relata a busca por falantes nativos e afirma que

Após a consulta com os surdos, a conclusão que chego é que é essencial pensar no público-alvo, o que deve conter na tradução, como deve ser desenvolvida, o que é necessário para fixar a atenção de quem irá assistir ao vídeo com a tradução, entre outros elementos (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p.26).

Desta forma, fica evidente a necessidade, também, de inserir-se na cultura da língua em que se aprende, pois existem diversos elementos que constituem e corroboram para uma tradução satisfatória.

A construção visual de uma tradução a torna leve de ver, é possível perceber detalhes que podem ser apresentados que, talvez, você não tenha pensado/imaginado, é algo entusiasmante. Foi isso que senti observando a sinalização dos dois surdos que pedi para que traduzissem as penúltimas e a última página do livro (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 26).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Para as três últimas páginas do livro, a tradutora encontrou algumas dificuldades, como por exemplo, nas páginas 26 e 27 do livro em que apresenta três personagens (homem, filho e o cachorro). Nesta página, o homem e o filho estão soltando pipa no alto de um morro. A tradutora argumenta:

Percebo que eu ainda fico muito presa e eles não, muito pelo contrário, exploram o espaço, classificadores, incorporam, exploram expressões faciais e corporais... E isso torna muito mais atraente e gostoso de ver. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 24).

A tradução de livros infanto-juvenil requer que o tradutor tenha um olhar mais sensível, principalmente, quando envolve a multimodalidade.

Deste modo, a tradução propicia ao tradutor um tempo maior de pesquisa, reflexão, discussão... onde, na maioria das vezes, estes fatores possibilitam ao tradutor realizar um trabalho melhor elaborado, organizado etc.

A distinção clássica entre tradução e interpretação envolve o tempo de preparo e a possibilidade de reparo do material final, sendo desenvolvidos estudos ou no campo da tradução ou interpretação.

De modo simples, o que nos permite diferenciar os ET [Estudos da Tradução] e os EI [Estudos da Interpretação] é basicamente o seu objeto central de estudo, respectivamente, “a tradução e o traduzir” e “a interpretação e o interpretar”. Esses dois processos, embora cunhados na translação de material linguístico-cultural de uma língua à outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual

acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente. Nesse sentido, esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável, e, ao mesmo tempo, distintos e singulares em relação à especificidade de seu foco de estudos. (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 19, aspas dos autores).

Conceitualmente, no campo dos Estudos da Tradução, a interpretação de língua de sinais tem mais visibilidade. Conforme levantamento das produções nos Estudos da interpretação, as línguas de sinais têm sido cogitadas e envolvem pesquisas recentes. “Isso demonstra como a interpretação envolvendo línguas de sinais ganha cada vez mais visibilidade e logra espaço em meio às produções de grandes teóricos, principalmente, do campo dos EI” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 31).

Por fim, ressalta-se que o processo de pesquisa foi essencial para o aprimoramento da tradução. Identificamos diferentes tipos de pesquisas são elas: introdutórias para conhecimento da obra, do autor, do contexto global da edição dos materiais, das línguas para quais já foi traduzido, como também uma pesquisa técnica buscando formas específicas de expressão na língua de chegada, no caso a Libras. Destacamos também a pesquisa com colegas tradutores e com falantes de Libras surdos. São diferentes modos de busca da melhor forma de expressar a multimodalidade.

Contudo, como já apontado, a busca das expressões foi desenvolvida no *Youtube* com uma busca genérica por histórias contadas em Libras. O que demandou muito tempo da tradutora, considerando que em muitas histórias essa expressão nem aparecia, e

a incerteza de confiabilidade do material consultado, apesar de serem institucionalizados. Seria interessante ter um dicionário on-line para expressões em Libras, tornando a busca mais eficaz e possibilitando a um número maior de pesquisadores o acesso a essas informações.

Não há a expressão “era uma vez” no dicionário do Capovilla e Raphael (2001) e tendo em vista a escassez de dicionários e fontes de pesquisa rápidas para o tradutor estes não contemplam determinadas expressões o que dificulta a qualidade de pesquisa do tradutor. Apesar da iniciativa de algumas instituições que trabalham com surdos como a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC⁷, por exemplo, os dicionários não comportam um número grande de sinais e tampouco suas variações.

Conclusão

É possível afirmar que o diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor que faz uso desse tipo de registro, pois à medida que realiza anotações no diário, tem a possibilidade de retomar estas informações que estão registradas. Dessa forma, o diário é fonte material para a reflexão do que foi criado inicialmente e, a partir de novas experiências, práticas, pesquisas e ideias tem a chance de aprimorar suas escolhas e, também, de analisar a sua progressão na tradução. Esta atividade de registro é bastante interessante, pois a tradutora consegue perceber ou alterar alguma informação a cada retomada no diário, de modo que seu conhecimento

⁷ Disponível em: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/>

está sempre em movimento, recebendo e compartilhando informações, muitas vezes, que contribuem para este processo.

Percebe-se que o diário é um material que propicia o estudo da tradução e de seu processo, se faz importante para a formação de tradutores. Usamos o diário para este estudo no processo de tradução.

O diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução considerando que no momento de registrar auxilia na retomada do que foi produzido possibilitando perceber e/ou analisar as diferentes formas de tradução para determinada sentença. Desta forma, o tradutor tem a percepção de como a tradução está em constante mudança, ideias que surgem no decorrer do processo a fim de tornar uma versão mais refinada da tradução.

A partir do referencial teórico e da própria experiência de produção do diário foi possível levantar alguns elementos que devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução, como:

Elementos do diário de tradução - de modo geral:

- Pesquisas a fim de ampliar sua visão com base em outros materiais produzidos, seja pesquisa virtual (vídeos, textos...) ou com pesquisadores da área.
- Conceitos ou expressões que são utilizados no texto fonte e que precisam ser pensados para o texto de chegada.
- Dúvidas ou quaisquer questionamentos que surgirem no decorrer do processo devem ser registrados a fim de possibilitar o tradutor a uma reflexão e possíveis esclarecimentos.
- Condições em que é feito o trabalho (espaço físico, com computador, livro em papel, câmeras, etc).

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

- Qualquer tipo de ajuste no processo, ou seja, mudanças desenvolvidas no percurso e a causa dessa mudança.
- Ponto e retomada da tradução (se foi diretamente à última palavra traduzida ou se fez alguma leitura a partir de um ponto anterior, indicando neste caso o ponto).
- Horários e datas que o tradutor inicia a atividade de registro, incluindo intervalos como pausas e interrupções no processo (por algum motivo).

Na categoria “A pesquisa”, identificamos a importância de a tradutora realizar diferentes tipos de pesquisa, via internet e, também, com falantes da língua, ampliando possibilidades e reflexões acerca do produto final, ou seja, de como construiria sua tradução. Deste modo, por se tratar em uma tradução, o tradutor tem a chance de ter um tempo maior de pesquisa, de reflexão e discussão que são fundamentais para que a tradução seja realizada da melhor forma possível.

Referências

ALVES, Fábio. “A triangulação como opção metodológica em pesquisas empíricoexperimentais em tradução”. A. Pagano (org.) **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

GALINDO, Fernando Legon. **Aspectos da dinâmica complexa do processo de tradução. Análise de uma experiência de tradução literária do espanhol ao português**. 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06072006-195347/pt-br.php>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo (SP). Atlas, 2002.

MAGALHAES, Célia M. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora. PAGANO, Adriana Silvina (org.) **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. UFPE. Recife, 2011.

SOBRAL, Adail U. **Dizer o mesmo aos outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book. Service Livraria, 2008.

SOBRAL, Adail U. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. **Nonada**, Porto Alegre, v. 1, p. 9-29, 2010.

SOTO, Pablo Cardellino. **Notas do Tradutor em uma tradução comentada e anotada de Casa Velha, de Machado de Assis, para o espanhol**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178970/347998.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

TORRES, Elisabeth Fatima, MAZZONI, Alberto Angel; ALVES, João Bosco da Mota. **A acessibilidade à Informação no Espaço Digital**. Ciência da Informação. Brasília DF: 2002.

TORRES, Marie-Hélène C. A tradução na sala de aula. *In*: FERREIRA, Maria Alice Araújo, SOUZA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine (org.). **Ensaaios de Teoria e Prática de Tradução**. Brasília: Editora da UnB, 2014. 219 p. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p294/28203>.

XAVIER, André Nogueira. **Uma ou duas? Eis a questão!**: Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271137/1/Xavier_AndreNogueira_D.pdf.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 22, p. 331-352, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>.



CAPÍTULO 5

A criação e utilização de sinais-nomes de personagens da literatura infantil traduzida para Libras

**Andreia Genú Pereira dos Santos
Celina Gomes Estruc
Silvia Girotte Miguel Kamiya
Instituto Singularidades - SP**

**A criação e utilização de sinais-nomes de
personagens da literatura infantil traduzida para
Libras**

**Andreia Genú Pereira dos Santos
Celina Gomes Estruc
Silvia Girotte Miguel Kamiya**

Introdução

Oportunizar às crianças surdas o acesso à literatura infantil por meio da língua de sinais é oferecer-lhes mais uma chance de estar em contato com sua língua materna, com a qual elas se tornam capazes de compreender o mundo e assim desenvolver sua aquisição da língua de sinais.

Dentro do vasto material que vislumbramos possa ser produzido quando se trata de tradução da literatura infantil para Libras, procuramos delimitar este trabalho levantando algumas questões relacionadas especificamente à criação e utilização de sinais-nomes dos personagens, pois, acredita-se que se faz necessário fomentar a discussão sobre o tema, haja vista que, a produção de livros acessíveis em Libras tem aumentado paulatinamente, porém pouco se fala sobre esse tema.

Este capítulo parte das experiências e das vivências das autoras, ou seja, a experiência como um ato político de ser tradutor. Nos dizeres de Bondia (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece,

ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Podemos assim dizer que a experiência da tradução coletiva nos tocou, construímos sentidos nos tornamos autoras.

Compreendemos a tradução de literatura como uma atitude política. Para além da acessibilidade como aponta os documentos do governo, é um direito linguístico e cultural. Constatamos ser escasso ainda os espaços para formação dos Tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS) para atuação em diferentes textos e contextos de tradução e interpretação, neste caso na esfera literária. Sendo relevante socialmente tanto a tradução quanto a formação de profissionais para atuarem nesta área.

Objetivando compreender qual a necessidade da criação e uso do sinal-nome para traduções dos nomes dos personagens de obras da literatura infantil para Libras, procuramos traçar objetivos que delimitassem essa compreensão, como: analisar quais os critérios utilizados para a criação de sinais-nome; identificar qual a importância do uso do sinal-nome para a compreensão geral da história; verificar se o sinal-nome pode ser utilizado para referenciar os personagens na história bem como para a sua retomada nas narrativas.

Com isso podemos chegar à resposta da pergunta que motivou esta pesquisa: O uso do sinal-nome na literatura infantil é apenas mais uma forma criada para traduzir o nome dos personagens da língua de partida para língua de chegada?

Para desenvolver o tema pretendido por essa pesquisa, ‘a criação e utilização de sinais-nomes de personagens da literatura infantil’, será feito de forma qualitativa em um estudo de caso. Confrontamos o

material bibliográfico escolhido para embasar este estudo com partes do material denominado ‘diário de tradução’, partes essas específicas da criação do sinal-nome.

Esse material foi desenvolvido por nós e pelos demais alunos do Instituto Superior de Educação de São Paulo, no curso de Pós-graduação Lato Senso em Tradução e interpretação de Libras/Português, turma 2017, na disciplina Esfera literária, sobre a supervisão da Professora Doutora Neiva de Aquino Albres, a qual nos orientou e nos instigou a discutirmos a criação dos sinais-nomes dos personagens do livro ‘A árvore magnífica’, qual culminou, na produção deste mesmo livro no formato digital acessível em Libras.

Para a apresentação do tema proposto, optamos por trazer logo após a fundamentação teórica, um trecho do material ‘diário de tradução’, uma imagem do livro já acessível/slide número cinco (nesta imagem contém os personagens, a oração original do livro e o início do primeiro sinal-nome), em seguida apresentamos a tradução com a sequência dos sinais referentes a oração na qual podemos observar os sinais criados para os personagens da história (Bia e Papai), e por último outra imagem do livro/slide número sete onde constam novamente os personagens, a oração original do livro e sua tradução sequenciada na qual podemos observar a retomada do sinal-nome em substituição aos nomes que a princípio foram soletrados.

Utilizamos como base teórica Silva (2009) que traz importantes considerações sobre o público alvo para quem os materiais são traduzidos; Albres (2016) da qual fundamentamos as especificidades dos sinais-nomes e sua importância dentro da comunidade surda; e

Barbosa (2013) que nos esclarece como os falantes surdos introduzem e retomam os personagens em suas narrativas.

Quem é que lê a história?

Segundo Silva (2009), a partir de análise das escolhas tradutórias de alunos tradutores, faz-se necessário ater-se ao público-alvo para o qual se pretende fazer a tradução, principalmente, quando se tratar de tradução da literatura infantil em que o público alvo é composto de pré-leitores, crianças de 0 a 6 anos, ou seja, em que os livros são produzidos, editados, traduzidos, comprados e lidos por adultos para as crianças.

Quando falamos de criança surda essa “leitura” começa um pouco mais tarde, pois, boa parte dessas crianças só terá acesso a Língua de sinais quando estiverem em idade escolar, onde um professor de Libras ou um intérprete “lerá” (fará a sinalização) dessa história para elas.

Silva (2009) traz como exemplo em seu artigo, que os personagens dos livros das coleções *Mr. Men e Little Miss*, os quais ela mensura terem características que marcam sua personalidade, como, por exemplo, a personagem *Little Miss Late*, uma personagem que vivia atrasada, por isso, no texto alvo recebeu o nome de Senhorita Atrasada. Dessa forma, os tradutores decidiram trazer essa marca de personalidade para a tradução dos nomes, julgando que essa estratégia tradutória trará ao público alvo, às crianças, melhor compreensão da moral da história.

Na comunidade surda todos os membros têm um sinal, e ele é atribuído “quando a pessoa surda ou ouvinte é introduzida na comunidade usuária de língua de sinais. Geralmente são considerados, para a atribuição de um sinal próprio para pessoas, características físicas, psicossociais ou a grafia do próprio nome oficial” (SOUZA JÚNIOR, 2012, p. 29).

No trabalho produzido, o diário de tradução, nós alunos acabamos, depois de algum debate e orientação, por concordar que as características físicas dos personagens eram o que mais chamava a atenção e por isso a criação do sinal-nome tomou esse rumo.

Segundo Prata (2010) há divergência entre autores sobre a tradução ou não de nomes de origem estrangeira de personagens da literatura infantil. Para alguns, o nome tem função de identificar os personagens, estes que assim o fazem dão maior ênfase ao texto de partida. Porém para outros autores, esses nomes devem ser traduzidos, pois carregam características marcantes dos personagens, sendo assim eles dão maior ênfase ao texto de chegada, preocupando-se com a assimilação do texto pela criança. Quando se opta por não traduzir perde-se esse segundo sentido e a imagem já não é a mesma.

Para Albres (2016), tradutores Português-Libras seguem a mesma linha, pois optam por traduzir os nomes de personagens de origem estrangeira à realidade das crianças surdas. Assim, acredita-se que os personagens não devem ser identificados apenas pelos nomes, e sim que tenham também um sinal-nome que os identifique, pois, a utilização de sinal-nome faz parte da construção identitária dos surdos.

Sinal-nome: Tornando o nome dos personagens mais visual

Segundo Albres (2016), o surdo percebe o mundo e dá a ele significação através do canal visual utilizando as línguas de sinais que é visual-espacial, sendo assim, eles utilizam sinais para reconhecer e nomear as pessoas que os rodeiam, assim como os ouvintes utilizam a língua portuguesa para nomear as pessoas.

A autora aponta ainda que os nomes próprios têm duas formas de serem expressos nas línguas de sinais, a saber: a soletração que representa letra a letra o nome oficial das pessoas tais como foram registradas e o sinal-nome que é a utilização de um sinal criado para representar a pessoa. Pessoas que têm contato com a comunidade surda estão acostumadas com a existência do sinal-nome que coabita com o nome contido no registro civil. Sendo este um fenômeno sociolinguístico intrínseco às línguas de sinais, tendo a interação de duas línguas de modalidades diferentes (orais-auditivas e gestuais-visuais) (ALBRES, 2016).

Moraes (2010) considera que no processo de tradução se pode recontar e recriar, inclusive quando da atribuição de um nome visual (forma que autora denomina), a partir da análise da construção visual em Libras do conto Branca de Neves e os sete anões problematiza os nomes visuais dos personagens ou sinais-nomes da narrativa. “Os sujeitos surdos produzem literatura a partir da visão de mundo da experiência visual” (p. 139).

De acordo com Mckee e Mckee (2000 *apud* Albres, 2016), os nomes pessoais são intrínsecos as relações sociais de identidade e histórica, desta forma, os membros das comunidades surdas são

geralmente chamados pelo seu sinal-nome, que é dado por outras pessoas surdas, porém este sinal-nome não substitui os nomes legais, dados pelos pais no nascimento tendo este registro civil.

[...] sinais-nomes não são passados no seio das famílias, mas são atribuídos por membros da comunidade surda ou por colegas surdos no contexto educacional, quando os surdos não são filhos de pais surdos. Uma vez que um sinal-nome foi atribuído permanece com o destinatário, geralmente, para a vida toda (KOURBETIS; HOFFMEISTER, 2002 *apud* ALBRES, 2016 p. 74).

Assim, o sinal-nome acaba por fazer parte da construção identitária da pessoa surda sendo esta reconhecida dentro da comunidade. Para Meadow (1977), o sinal-nome é como se fosse um segundo nome, utilizado apenas em situações informais, como um apelido, porém, Paales (2009) afirma que o sinal-nome pode ser utilizado mesmo em contextos mais formais, visto que ele é reconhecido através de um estatuto oficial dentro da comunidade surda.

O nome próprio (de pessoas ou lugares) tem duas formas nas línguas de sinais: o nome oficial, dado por meio da soletração manual e o nome-sinal, que é um lexema singular que assume forma de apelido, geralmente de referência descritiva (ALBRES, 2016, p. 75).

Conforme estudos realizados por Paales (2009) *apud* Albres (2016, p. 75) cujo trabalho analisou a criação de sinais-nomes por pessoas ouvintes em diferentes línguas de sinais, (Língua Gestual da Estônia, Língua de Sinais Russa, Língua Gestual Finlandesa e Língua de

Sinais Alemã, entre outras) envolvidas de certa forma com a comunidade surda, como: (intérpretes, professores de escolas para surdo, linguistas entre outros) pode constatar que “não há diferença linguística na formação de sinais-nome para surdos ou ouvintes, no entanto, há uma diferença na percepção do nome e na relevância desse sinal-nome para a construção identitária”.

Ainda dentro deste estudo, ele mensura que existem quatro tipos de construção do sinal-nome que são: **sinais-nome arbitrário** que tem como base a forma escrita dos nomes, no Brasil chamado de sinal inicializado, o qual utiliza o próprio nome ou sobrenome para ser construído; **sinais-nome descritivo**, tem por base as características físicas das pessoas, comportamento, vestuário, fazendo uso da metonímia; **sinais-nome inicializados e descritivos (híbridos)** são os que se utilizam de iniciais dos nomes acrescido a uma característica física para serem construídos; como, por exemplo, a configuração de mão da letra “a” que é posta no couro cabeludo e desce fazendo giros, muito comum para pessoas que tem como característica física os cabelos cacheados, este foi por muito tempo utilizado no Brasil e ainda hoje se replica no convívio com surdos mais velhos; e os **sinais-nome emprestados**, que são aqueles que para serem construídos buscam empréstimos em outras línguas de sinais.

No Brasil, essa temática foi pouco explorada. Freitas (2011) levantou cem (100) sinais-nome de surdos e ouvintes que fazem parte da comunidade linguística dos surdos em uma grande metrópole brasileira. Constatou que 51% são iniciados pelo alfabeto manual e descritivos (sinais-nome híbridos) e 49% são icônicos a partir de características físicas

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

(sinais-nome descritivos). Não houve diferença significativa de classificação entre sinais de surdos e de ouvintes (FREITAS, 2011 *apud* ALBRES, 2016, p. 76).

Segundo Aguilera (2008) na literatura infantil os personagens também recebem um sinal-nome, deixar de traduzir o nome de um personagem que é repleto de significado e de conceitos abstratos e de representação identitária e cultural é ‘suprir parte da função para qual o mesmo foi criado’ pois, ela considera que a tradução do nome do personagem leva em conta questões culturais da língua alvo, o que torna a leitura mais compreensível à criança surda.

Análise dos critérios utilizados para a criação dos Sinais-Nomes

Com o intuito de analisarmos os critérios utilizados para a criação de sinais-nomes utilizamos os seguintes materiais: 1) levantamento bibliográfico de obras pertinentes à construção de sinais-nomes de personagens da literatura infantil; 2) material elaborado em sala de aula ‘diário de tradução’ o qual contém o debate realizado entre os alunos tradutores-intérpretes da língua brasileira de sinais, do livro proposto “A Árvore Magnífica de Nick Bland” na disciplina esfera literária do curso de tradução e interpretação de Libras/Português Superior de Educação de São Paulo, sob a supervisão da Professora Dra. Neiva de Aquino Albres e; 3) Imagens retiradas dos slides criados da tradução do livro para a língua brasileira de sinais.

Para a apresentação do material optou-se por mostrar inicialmente o material diário de tradução, no trecho específico em que debatemos a criação do sinal-nome, em seguida a imagem e oração

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

originais do livro juntamente com o primeiro slide da tradução para Libras, para que se tenha um contato visual com os personagens e suas características físicas, as quais nos serviram de base para a criação do sinal-nome. Apresenta-se um quadro, na primeira coluna está a oração original em português seguida da sequência de sinais, de forma a facilitar ao leitor o entendimento de como essa mesma oração foi construída em língua brasileira de sinais, na terceira comenta-se a retomada dos personagens feita por meio do sinal-nome em alguns trechos do trabalho, logo após isso, anota-se algumas reflexões.

Quadro 1 - Trecho do material diário de tradução

Texto fonte (português)	Texto alvo (LIBRAS) - utilize uma glosa	Registro do processo	Reflexões - (re)significações das crenças sobre tradução
Bia e papai estavam sempre cheios de ideias.	ADULTO PAPAI SINAL na direção do adulto. O sinal criado é feito da seguinte forma: (configuração de mãos CFM 12 LBS movimento meio círculo do buço até a testa) CRIANÇA MENINA NOME B-I-A SINAL. O sinal da menina é feito como se puxasse a pontinha do cabelo uma vez para o lado CFM 32 LBS com a mão direita ELES DOIS SEMPRE IDEIA olhar na direção do horizonte (Data:18/08/2017)	Os sinais do papai e da menina Bia foram criados através das características físicas dos personagens ilustrados. O papai por causa do nariz grande, e a Bia por causa de uma ponta de cabelo saliente que sempre aparecia, independentemente da posição em que ela estava. Na filmagem a Neiva pediu para fazer o sinal “os dois” olhando para a câmera para que não desse o dúvida sentido de que o intérprete estava incluso na estória. Slide 5	O que me chamou a atenção foi o sinal do pai ter sido feito a partir da característica física nariz grande, quando na maioria incluindo eu havia sugerido o sinal referente aos óculos, que a meu ver era o que mais chamava a atenção. Porém, depois da discussão coletiva, ao analisar melhor concordei com o sinal, afinal ele pode em algum momento tirar os óculos, porém o nariz não.

Fonte: Produzido pelas autoras.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação



Figura 1: Imagem retirada da página 4 do livro "A árvore magnífica" slide 5 do trabalho "diário de tradução"

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Trecho em Português: “Bia e Papai estavam sempre cheios de ideias”.

Sequência dos sinais: Criação do sinal-nome de Papai e Bia



ADULTO¹ PAPAI² SINAL³ (Este é o sinal-nome do Papai: CFM*12
Movimento meio círculo do buço até a testa)⁴



CRIANÇA⁵ MENINA⁶ NOME⁷ B-I-A (soletração)⁸



SINAL⁹ (Este é o sinal-nome da Bia: CFM 8A) EL@-DOIS¹¹ SEMPRE¹² IDEIA+¹³
(movimento puxando para o lado unindo os dedos CFM 20)¹⁰

Na sequência acima, constam os sinais utilizados para a construção da oração contida na página quatro do livro “A árvore magnífica”, porém, o nosso estudo terá enfoque nas imagens 4 e 10 que são os respectivos sinais-nomes dados aos personagens Papai e Bia.

* Configuração das mãos: é a forma das mãos presentes no sinal. Na Libras há 64 configurações. Elas são feitas pela mão dominante (mão direita para destros) ou pelas duas mãos dependendo do sinal.

Os sinais-nomes dos personagens foram criados em sala de aula, na atividade “tradução coletiva”, na qual foi traduzido todo o livro “A árvore magnífica”. Vários sinais foram propostos pelo nosso grupo de estudos, e foi percebido pelo grupo que ele tomaria aspectos descritivos, como por exemplo: para o personagem papai o sinal estava relacionado, a princípio, aos seus óculos, e por algum tempo o grupo discutiu e elaborou vários sinais em que os óculos eram o destaque, porém percebeu-se que este não seria viável, pois, em algum momento o personagem poderia vir a tirá-lo, por isso, acabamos optando por uma característica física, para algo que ele não tirasse nunca, sendo assim, pensando no caso que este era um material elaborado para crianças, resolvemos então criar o sinal com algo voltado a sua característica física mais marcante, no caso o nariz avantajado.

Para Bia também utilizamos a mesma estratégia, por isso focamos em algo marcante em suas características físicas, e o que chamou a atenção desde o início foi o seu cabelo, visto que em quase todas as imagens ele se encontra com duas pontinhas para o lado ou para trás dependendo do ângulo em que a Bia estava; assim, para a criação dos sinais dos personagens Papai e Bia tomamos por base a teoria preconizada por Silvia (2009) que trata do sina-nome descritivo, sinal esse que leva em conta as características físicas, comportamentais e vestuário dos personagens.

Uma particularidade em nossa experiência foi a escolha de sinais-nomes tendo por base características fixas das personagens, a relação da imagem e da ilustração, ou seja, uma peculiaridade de textos para crianças, sendo uma ferramenta relevante para criação do sinal-nome para esse tipo de material.

O uso do sinal-nome: apresentando o personagem e retomando-o à narrativa

Segundo Barbosa (2013), que tem seu estudo voltado a analisar como uma pessoa surda introduz e retoma personagens ao longo de uma narrativa em Libras, ou seja, como é feita a referenciação dentro da narrativa sinalizada. Tendo ela tomado primeiramente como referência o que acontece dentro das línguas orais, chegou à conclusão, com base na linguística cognitiva, que fazemos referência à conceituações de entidades que podem ser mais ou menos compartilhadas entre falante e destinatário, e que alguns personagens dentro da narrativa acabam se tornando ponto de referência principal. “[...] O uso de uma unidade linguística dispara um conjunto de concepções das quais, uma é realçada. Os nominais usados em um discurso funcionam como ponto de referência conceitual” (BARBOSA, 2013, p. 19-20).

Sendo assim, o nominal estará em eminência, e a tudo o que for ligado a ele ou que dele fizer menção. A autora mensura ainda que, na Língua de sinais, a introdução e retomada de personagens é feita através da utilização de nominais dos quais ela discrimina em seu trabalho se tratar de sintagmas nominais plenos e pronomes, sendo assim a retomada pode ser feita através de um sinal (Ibid, 2013).

Pode-se, então, entender que a criação de um sinal-nome na literatura infantil é um tipo de acordo estabelecido para referenciar determinado personagem, podendo substituir na narrativa não apenas o nome soletrado, mas sim, tudo o que se refere ao personagem, como,

por exemplo, no caso do uso de pronomes utilizados como referência aos personagens. Assim os pronomes também podem ser substituídos por um sinal-nome.

Ao longo da narrativa, para retomar a mesma personagem utilizamos expressões definidas, como a camponesa, essa camponesa, a mulher que trabalha no campo ou então formas pronominais como ela [...]. As línguas de sinais, entretanto, até onde se sabe não contam com esse tipo de marcador (BARBOSA, 2013 p. 13-14).

Desta forma, compreende-se que o sinal-nome pode ser utilizado dentro do contexto da literatura infantil, tanto para fazer a referenciação dos personagens como para a retomada deles na narrativa. Sendo assim, trazemos como exemplo o slide sete, com um trecho do livro em português e sua respectiva tradução sequenciada em Libras onde consta a retomada dos nominais 'Bia' e 'Papai' por meio dos sinais-nome, logo após a criação dos mesmos.

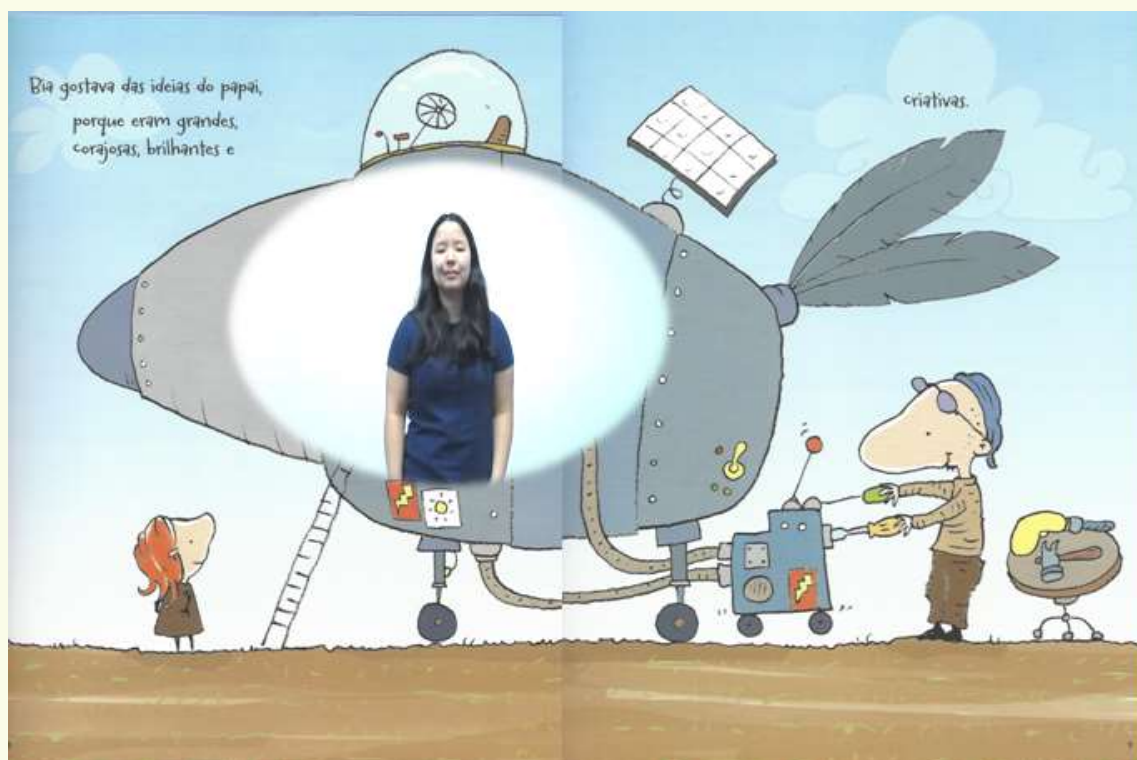


Figura 2: Imagem retirada das paginas 8 e 9 do livro “A árvore magnifica” slide 7 do trabalho “diário de tradução”

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Trecho em Português: “Bia gostava das ideias do papai, porque eram grandes, corajosas, brilhantes e criativas”.

Sequência dos sinais: Retomada dos personagens através do Sinal-Nome.



Sinal-Nome PAPAI¹

IDEIA²



CORAGEM³

ESTRALO-LUZ⁴



BRILHO-GRANDE⁵



sinal-nome BIA⁶



Bia- (incorporar personagem olhando admirada)⁷

GOSTAR⁸

As imagens acima, em específico a imagem 1 e 6 demonstram que a tradutora utiliza os sinais-nomes para referenciar os personagens Bia e Papai, assim como mensura Barbosa (2013). Consegue-se assim perceber que essa referência ou retomada de

personagem na história pode ser feita por meio de um sinal-nome, visto que seu emprego foi na continuidade da história “A árvore magnífica”. No decorrer da história, sempre que os tradutores precisavam se referir aos personagens Bia e Papai já não utilizavam a soletração e sim o sinal-nome criado.

Considerações finais

Ao iniciarmos esta pesquisa sobre a criação e utilização de sinais-nome para personagens da literatura infantil, buscávamos compreender qual a necessidade da criação e uso do sinal-nome, bem como tentar achar respostas para a pergunta: o uso do sinal-nome na literatura infantil é apenas mais uma forma criada para traduzir o nome dos personagens da língua de partida para língua de chegada? Para isso, traçamos objetivos para delimitar o foco desta pesquisa os quais serão retomados no decorrer desta conclusão.

A princípio, procuramos analisar quais os critérios utilizados para a criação do sinal-nome, pudemos fazer essa averiguação através do confronto do material ‘diário de tradução’ o qual nos trouxe embasamento prático e, o referencial teórico contido neste trabalho.

Entendemos que os critérios utilizados para a criação de um sinal-nome, geralmente, levam em conta características físicas e comportamentais do indivíduo, no caso da literatura infantil, os personagens.

Por algum tempo, o debate que culminou no trabalho ‘diário de tradução’ base do nosso estudo de caso, discorreu com foco nos óculos do papai, porém, percebemos que em algumas situações ele poderia

estar sem os óculos ou tê-los pendurados em alguma outra parte do corpo que não a cabeça, o que faria com que o ponto de articulação⁸ do sinal-nome mudasse.

Compreendemos assim, que, o que melhor se adéqua a criação do sinal-nome é a utilização de uma característica física tornando o sinal-nome descritivo mais utilizado em trabalhos da literatura infantil. Embora em momento algum optássemos por criar um sinal-nome híbrido o qual é formado pela primeira letra do nome e mais um sinal descritivo, percebemos no referencial teórico que ele é muito utilizado no Brasil, cerca de, 51% dos surdos assim o fazem.

Quanto ao objetivo de identificar qual a importância do uso do sinal-nome para a melhor compreensão geral da história, ou seja, sua moral, verificamos que: como mensurado pelos autores aqui referenciados, a criação do sinal-nome para os personagens é para a criança surda o que a tradução de nomes de personagens de origem estrangeira é para a criança ouvinte, uma maneira de deixar mais clara e acessível a história, trazendo o personagens mais próximo à realidade da criança.

Observou-se também que ainda há divergências entre alguns autores sobre a tradução de nomes e a criação de sinais-nomes, contudo, o que há em comum entre os autores citados neste trabalho é que a maioria parte do pressuposto de que estes sinais precisam trazer características dos personagens e para isso acredita-se que a imagem contida no livro seja de suma importância.

Sendo assim, pudemos entender que o sinal-nome não é apenas mais uma forma de apresentar os personagens na literatura infantil e

⁸ É o lugar do corpo ou o espaço neutro de onde o sinal tem seu começo.

sim que o sinal-nome faz parte da construção identitária da pessoa surda, e pode ser utilizado não apenas como um apelido, mas também em contextos formais, visto que o sinal-nome é reconhecido em um estatuto oficial da comunidade surda.

Em se tratando de personagens da literatura infantil, o sinal-nome traz esses traços de identidade dos personagens, trazendo os mesmos traços culturais da língua alvo, servindo dessa forma de um tenro aprendizado das questões culturais que envolvem a língua de sinais. Desta forma, deixar de traduzir o nome de algum personagem é deixar de trazer à tona conceitos e significados que darão à criança surda melhor compreensão da história em seu contexto geral.

Averiguou-se também que ocorreu a referenciação e a retomada dos personagens no decorrer da história a partir do sinal-nome. Porém partimos do princípio que faz-se necessário que o tradutor solete o nome ou mostre inicialmente a imagem do personagem, para que somente depois que a criança já estiver familiarizada com a imagem ou com o nome o tradutor possa criar um sinal-nome com o qual ele poderá fazer referência e a retomada do personagem da história sem que haja a necessidade de mostra-lo novamente ou soletrar seu nome.

Sáímos deste estudo entendendo que a criação e utilização dos sinais-nome vão além do fato de apresentar mais um personagem e sim de respeitar as nuances culturais da língua de sinais, fazendo com que a criança faça uma imersão em sua própria cultura e se aproprie de uma forma de comunicação que é comum dentro da comunidade, tornando assim a leitura mais visual, instrutiva, lúdica, de fácil compreensão e prazerosa.

Tradução para Crianças surdas: rara investigação

Faz-se necessário uma pesquisa mais aprofundada dessa temática respeitando as singularidades da cultura surda onde a criança ao ter acesso a materiais acessíveis como no caso da literatura infantil possa tomar parte de conceitos que farão parte do seu dia-a-dia e assim desde pequenos entenderem as especificidades de sua língua. Toda oportunidade de aprender algo voltado à língua materna e a cultura predominante na comunidade surda é válida.

Esperamos com essa pesquisa termos, de alguma forma, contribuído para a teoria referente ao tema que é escasso e instigarmos outros pesquisadores a aprofundarem os estudos sobre a criação e uso do sinal-nome.

Referências

AGUILERA, Elvira Cámara. The translation of Proper Names in Children's Literature. **E-f@bulations/e-f@bulações**. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ALBRES, Neiva de Aquino. A construção de sinais-nome para personagens na tradução de literatura infanto-juvenil para Libras. **Belas Infiéis**, v. 5, p. 73-93, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/19508/13902>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BARBOSA, T. B. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)**. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06052013-112529/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, jan-abr, n. 19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

FELIPE, Tania A. **Libras em contexto**. Curso básico – Livro do estudante: Ministério da educação, secretaria de educação especial. 7. ed. Brasília, 2007.

MORAIS, Carla D. **Tecido na língua de sinais**: Branca de neve e os sete anões. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Literatura, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94466>> Acesso em: 20 jun. 2019.

PRATA, Ana Teresa Bento da Gama. **Tradução de Literatura Infantil e Juvenil Análise de duas traduções portuguesas de Charlie and the Chocolate Factory**, de Roald Dahl. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/14282>. Acesso em 20 jan. 2019.

SILVA, Clara Peron. **A literatura infantil em tradução**: Especialidades da tradução de livros das séries MR. MEN e LITTLE MISS de Roger Hargreaves para o português do Brasil. Monografia – Bacharel em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/bacharelado tradingles/files/2011/02/Clara.pdf>. Acesso em 20 jan. 2019.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11923>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DADOS TÉCNICOS SOBRE O LIVRO

Tiragem: E-book para *download* gratuito.

Formato: 21x29,7 cm Tipologia: Cambria 12/14 e
Booque Antiqua 12/18

Vetor da capa: Retiradas de “Free Download HD
Transparent PNG”.

<<https://www.pngfly.com/png-0f684a/download.html>>.

Ilustrações de divisão de capítulos: Retiradas de
“Shutterstock” com *License free* (licença Gratuita).
“Free Vectors, Stock Photos, PSD and Icons”.

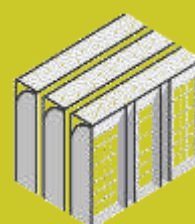
<<https://www.freepik.com/>>.



Tradução para crianças surdas rara investigação

é um livro que apresenta pesquisas que problematizam a atuação de tradutores de Libras e português, a mesclagem de mídias, a hibridização de linguagens, a confluência de suportes que tem alterado o conceito de literatura, antes fixada apenas em livro impresso.

Por conta das múltiplas semioses que compõem os materiais a serem traduzidos e as próprias traduções (produto) se esperam novos modos de leitura e de tradução, marcados pela perspectiva interativa do projeto literário, tendo como suporte a web, tablets e smartphones.



PUBLICAÇÕES
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA